



ÁUREO NONATO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

OS BUCHEIROS

UM MEMORIAL
DE INFÂNCIA



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda - v. 27



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 27

OS BUCHEIROS

UM MEMORIAL DE INFÂNCIA

ÁUREO NONATO



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio

CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes

SERGIO VIEIRA CARDOSO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
Os bucheiros: um memorial de infância.....	11

© **Áureo Nonato**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial

Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico

Marcicley Reggo

Imagem da capa

© Mercado Público. Manaus. Álbum do Amazonas 1901-1902

Digitalização dos originais

Roumen Koynov

Ficha catalográfica

Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N812b Nonato, Áureo, 1921-2004

Os bucheiros: um memorial de infância. Manaus:
Reggo/Academia Amazonense de Letras, 2021.

Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda– v. 27;

ISBN 978-65-86325-53-9

1. Literatura brasileira I. Título

CDD B869.15

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361

N. Sra. das Graças – Sala 303

69053-110 – Manaus-AM

REGGO

Fone: (92) 98817-0172

@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

Premiado em concurso da Academia Brasileira de Letras (prêmio Oswaldo Orico), Áureo Nonato dos Santos teve reconhecido o seu valor intelectual no Rio de Janeiro, antes da consagração na Academia Amazonense de Letras, a terra de seu nascimento, precisamente porque ainda jovem se dirigiu a experimentar uma aventura que parecia impossível para um menino pobre, nascido e criado em região que, ao tempo de seu nascimento, era altamente discriminada na capital amazonense.

Foi exatamente essa realidade que ele conseguiu traduzir, com precisão, clareza, linguagem simples e elegante, em seu livro *Os bucheiros: um memorial de infância*, o qual, entendo, bastaria para a sua consagração como escritor. Não se conteve com o primeiro livro editado, bem recebido e de muito boa qualidade, que foi *Porto de catraias*, que escreveu recuperando na memória o pequeno porto do bairro de São Raimundo Nonato e as travessias do rio tão comuns nos anos de sua meninice e quase juventude, quando tudo se resumia a sonhos e esperanças em uma cidade perdida na imensidão da floresta amazônica.

No Rio de Janeiro, e às vezes em São Paulo, o jornalista andou flutuando entre grandes artistas e escritores, primeiro, pelo apoio incondicional de Paschoal Carlos Magno, sendo de registrar que foi diretor da Companhia Dramática do Ministério da Educação, secretário do Teatro do Estudante em seu tempo de ouro, secretário da Companhia Dulcina, e trabalhou no jornal *A Noite*, de São Paulo, dentre as muitas atividades que desenvolveu.

Compositor, o que se firmou de sua autoria foi a canção *Manaus*, considerada música oficial da cidade, a qual ele sempre gostava de cantarolar com emoção, e quando publicou o seu *Pitombas e biribás*, já parecia se despedir, lentamente, mas com euforia, vivendo e ensinando a viver a todos que privavam de sua relação de amizade.

Sua escolha para a Academia Amazonense de Letras foi mansa, sem resistências, só comportando elogios, mas sua permanência física foi curta, como se tivesse chegado para uma passagem, quando poderia ter permanecido mais tempo e alongado sua produção, que, diga-se, era muito considerada por Paulo Jacob e Arlindo Porto que, de modo sempre muito especial, cultivavam a amizade de Áureo.

Reeditar *Os bucheiros: um memorial de infância*, de forma digital, para que tenha o mais amplo alcance, é uma honra para a Academia Amazonense de Letras e enriquece a Coleção do “Pensamento Amazônico”, Série “João Leda”, propiciando que os mais jovens, os pesquisadores e estudiosos de literatura produzida no Amazonas, possam compreender a contribuição desse importante autor amazonense, experimentado em terras estrangeiras.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

OS BUCHEIROS

UM MEMORIAL DE INFÂNCIA

— 1986 —

MANAUS — AMAZONAS

S U M Á R I O

<i>Apresentações da primeira edição</i>	11
<i>Apresentações da segunda edição</i>	29
<i>Como se fossem lágrimas</i>	41
<i>A ponte inacabada</i>	47
<i>Crepusculo Amazonense</i>	53
<i>Tipos populares</i>	59
<i>Como se fossem uma só família</i>	65
<i>Rua da Sede</i>	71
<i>Seu número era 85</i>	75
<i>Olho d'água e cacimbas</i>	83
<i>A primeira viagem</i>	91
<i>Os bucheiros</i>	97
<i>Uma casa assombrada</i>	107
<i>Rua Itamaracá e a Ponte do Ismael</i>	111
<i>O Inferno de Dante</i>	117
<i>Imagens</i>	121
<i>O Jornal do Comércio</i>	125
<i>Os Nonato dos Santos</i>	129
<i>O Sulão</i>	135
<i>Inquietações</i>	139
<i>No meio da mata ou convite a vida</i>	149
<i>Diola e o Carapanã</i>	155
<i>Colégio Dom Bosco/1934</i>	159
<i>Doninha</i>	163
<i>São Raymundo Nonnato, o Bairro</i>	167
<i>São Raymundo Nonnato, o Santo</i>	173
<i>O por quê Raymundo Nonnato é nome próprio de batismo</i> ..	177
<i>O clã dos Rebelo de Souza</i>	181
<i>A Ponte de São Raymundo</i>	185
<i>A morte de uma casa</i>	193
<i>Uma entrevista</i>	197
<i>Dados biográficos do autor</i>	205
<i>O clã dos Rebolo de Souza</i>	181

A

GUILHERME GADELHA

FRANIO LIMA

SINVAL GONÇALVES

e

*companheiros do Jornal do Comércio
onde foram publicadas, de 08|03|81 a 24|06|81
as crônicas que agora
ensejam este livro*

e

MANOEL LIMA

ALENCAR E SILVA

*a profa. ALZIRA PINHEIRO LIMA,
ao maestro ABELARDO MAGALHÃES*

e

a ARNALDO DOS SANTOS TRIBUZY,

O.D.C.

O Autor

APRESENTAÇÕES DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Meu caro Áureo Nonato

*acho que você deve publicar as suas
reminiscências amazônicas. Faça-o quanto antes*

Você é um artista.

Você vê a vida sob as espécies da arte.

*E, sendo um poeta, um ser de grande sensibilidade, você bem
sabe dar um toque de interesse, de vida às suas páginas.*

O menino amazonense quer perambular pelas ruas do mundo.

E creia na amizade de seu leitor.

ANTONIO CARLOS VILLAÇA

*Como todos os escritores que guardam no coração a própria
infância, transformando-a no "Paraiso Perdido", Áureo Nonato atíça
em mim, através de sua linguagem simples, direta e líricamente ingênua,
a nostalgia de uma infância que nunca tive.*

LUIZA BARRETO LEITE

Meu caro Áureo Nonato

Suas páginas de memórias da mocidade falaram muito ao meu coração. Revi Manaus nos tempos de minha infância e juventude. Manaus que ao lado dos amazonenses, foi exercitada em suas linhas urbanas, sua vivacidade, por brasileiros que emigraram de muitas partes, em particular nordestinos.

Você tem estilo agradável, natural, que revela o homem de espírito. Os capítulos que integram seu livro são de certo modo antológicos, pela sinceridade e pela forma literária de que se revestem. Você é um memorialista exemplar. Continue, mas de logo cuide da publicação, pois que nela há um tema novo que as gerações de hoje, mais novas, precisam conhecer para que possam melhor conduzir-se e amadurecer com dignidade e com exemplo do que marcou a vida no processo histórico ainda tão próximo.

Muito obrigado pelo perfil do Jornal do Comércio austero, limpo, a informar com segurança e a refletir a compreensão digna do que sucedia.

Também muito obrigado pelas palavras generosas por que se refere a meu livro sobre A Amazônia e a Cobiça Internacional, que tanto desejamos livre dos grupos do imperialismo e do colonialismo maldoso.

Um abraço de admiração.

ARTHUR CEZAR FERREIRA REIS

Rio/RJ, 13 de julho 1982

O presente trabalho de Áureo Nonato — sempre cuidadoso — fez-me voltar às raízes, eis que, também eu, na minha mocidade, ajudando ao meu pai, trabalhei no Matodouro Municipal.

Vale a pena a sua leitura, cabendo colocar em relevo que Áureo Nonato, rapazola ainda, emigrou de Manaus para o Rio, cidade que ele transformou em seu segundo lar e onde se tornou um vencedor, seja jornalista, poeta ou compositor. Se não conseguiu amealhar bens de fortuna, já que pouco caso faz das coisas materiais, obteve a admiração dos seus conterrâneos, para os quais, um dia, levou o Teatro do Estudante, que ele ajudou a impulsionar com Pascoal Carlos Magno, de quem recebia um tratamento quase paternal.

Como amazonense é justo o meu orgulho de ver um seu livro dado a lume. Se em outras obras anteriores — poemas e artigos — divisei o homem de letras, na atual confirmo o homem corajoso que desfia o rosário de sua saudade, na memória que guarda dos seus e da nossa terra. Sem adulterações... sem lisonjas... autêntico como sempre.

J. Bernardo Cabral

Rio-RJ-Novembro/82

Caro Aureo Nonato:

Muito amenas as reminiscências de sua infância e juventude, em Manaus.

Elas me fazem voltar no tempo, para, também, relembrar uma fase de minha vida de que guardo felizes recordações e de que, por isso mesmo, tenho saudades.

Através das páginas de "Os Bucheiros", pude rever Manaus e todo o seu encanto, toda a sua exuberância, toda a vida e a beleza que fascinam os que a visitam.

Quanto lirismo, quanto sabor de infância encontrei em "Seu número era 85", onde você registra, com minúcia, as lembranças agradáveis da casa em que nasceu.

Infância, mocidade, família, terra natal, linguagem fácil e direta, estilo simples, ingenuidade e poesia, esses os elementos que você, com sensibilidade e arte, soube tão bem combinar, para oferecer a seus leitores momentos de prazeroso entretenimento.

ARNALDO NISKIER

Rio, RJ-18 de agosto de 1982

Autêntico, não nega as origens, antes proclama-as já a partir do belo título deste seu memorial da infância, concebido num tom delicioso, como se poderia esperar, e até mesmo, exigir dele; — que aqui está de corpo inteiro, a confirmar, mais uma vez, aquele velho adágio de que o estilo é o homem.

Há um segundo texto, ou subtexto, onde toda a malícia de seu autor vem como que embutida. Ah, o que Aureo não diz, dizendo nas entrelinhas! . . . É todo um outro livro que lá está e jamais será escrito.

Sutileza é a qualidade essencial destas amazonenses — não amazônicas memórias, e isso é a qualidade maior que se exige todo memorialista. Relato tragicômico, nele tem de tudo: drama, comédia, tragédia. Enfim, todos os ingredientes do grande bolo confeitado que é a receita para um livro de memórias da meninice. E tem também as idiossincrasias da parentada toda, o que, aliás, existe em todas as famílias que se prezam.

Um homem simples e bom. E um romântico. Assim era “seu” Antonio Branquinho, o “bucheiro” pai de Aureo Nonato. Assim é Aureo Nonato: um vero filho de seu pai, do que, aliás, tem muito e justificado orgulho. Romântico, sim, o seu pai, mas muito machista também, o que tem relação não só com o analfabetismo dele, mas também com o meio acanhado em que vivia e os costumes vigentes de ponta a ponta neste país, então ainda muito subdesenvolvido em todos os sentidos.

Estilo simples, oral, linguagem corredeira com água de rio, ele escreve como quem conta estórias, naquele tom coloquial e afetivo de mesa de bar, ou de sala de jantar, toda a família reunida a escutar. Mais que um repórter relatando fatos sensacionais, é um contador de casos, um cronista dos acontecidos do seu Amazonas nunca jamais esquecido.

E a carga de ternura que transborda por essas narrativas, transforma o cronista no poeta que ele jamais deixou de ser, um poeta não daqueles que querem morrer, mas sim viver, pela beleza. E seu livro tanto pode ser considerado de crônicas, pura e simplesmente, como de prosa poética, que é, a meu ver, a categoria em que melhor se enquadra.

Há umas poucas palavras no livro que deixam a gente — os leitores não amazonenses ou não “bucheiros” — a ver navios. Para um fluminense, quer dizer, para um não-filho das águas, todas essas aventuras tão fluviais pelos igarapés e os costumes amazonenses acabam por ter o sabor de uma excitante e incitante descoberta de mundos misteriosos e desconhecidos.

CARLOS ALBERTO MIRANDA

Niteroi, RJ, agosto de 1982

Já se disse que a arte é a realidade vista através de um temperamento.

Certos escritores mostram-nos sobretudo os aspectos rudes, violentos da Amazônia e seus exploradores — incitando-nos à redimi-la.

Outros, como o Áureo Nonato, preferem focalizar sobretudo os aspectos suaves, com elegante lirismo e branda nostalgia — e nos ensinam a amá-la de outra forma.

Há lugar para todos. E todos são igualmente necessários.

No prisma das memórias diversas, coa-se a luz artística, dando o espectro inteiro, das maceradas violetas às ternas, intocadas rosas.

“Os Bucleiros” — Um memorial de infância, que espero ver logo publicados, tomam lugar, entre painéis épicos e sarcásticas denúncias como uma exposição intimista, de quadros poéticos e sentimentais.

Meus parabéns ao escritor Áureo Nonato pelas belas imagens encantadoras.

ROBERTO LYRA FILHO

*Poeta e escritor
Professor Titular (Docente)
da Universidade de Brasília*

Brasília-DF, 28 de agosto de 1982

Áureo Nonato, ao contrário de tanta gente de sua e de outras gerações mais novas, jamais poderá queixar-se de não ter tido infância. Teve-a e em plenitude, impregnada que foi de sonhos, aventuras, proezas e calor humano. Pudera! Áureo Nonato nasceu e foi menino no mundo cálido, exuberante e quase irreal do Amazonas, com toda aquela apoteótica opulência de fauna e flora, de rios e igarapés, de lendas e tradições, e — last but not least — de requintada e só aparentemente paradoxal civilização que sua cidade natal, Manaus, sempre soube preservar.

Foi num cenário assim fantástico, uma espécie de macro-disneilândia avant la lettre, que Áureo viveu nos anos vinte sua... áurea saga de menino, conhecendo ao vivo jacarés, tartarugas, jabutis, capivaras, maracajás, gibóias, araras, tucanos e uirapurus que nós, meninos de outros pagos, só conhecíamos de papel, de celulóide ou de ouvir dizer.

Seria até um indício de egoísmo se Áureo Nonato guardasse só para si lembranças tão ricas e coloridas. Mas não. Em boa hora ele as registrou em livro, e registrou-as com pleno domínio de memoria-lista: a redescoberta e a recuperação do passado do perdido com força emocional, com fidelidade fotográfica e leveza de estilo. Li suas memórias infantis no original datilografado e estou ávido para relê-las em letra de forma. O mais breve possível.

JOSE LIVIO DANTAS

Niterói, RJ, 6 de agosto de 1982

Áureo Nonato merece esse Prêmio Osvaldo Orico, que seu livro "Os Bucheiros" acaba de receber da Academia Brasileira de Letras.

Gostei do livro.

Percorri com o menino do Amazonas o caminho até o mercado.

Andei de canoa, senti escorrer no rosto, como lágrimas, o suco do título dado ao livro.

Reparei que a infância, embora tenha lados comuns de norte a sul, a do Áureo Nonato parece dar mais importância às famílias do seu universo.

Ele nos revela sem ter tido esta intenção, que a maioria daquela gente chegou do nordeste, naturalmente tangida pelas secas.

A terra aparece também com muita naturalidade na interação das árvores, dos frutos, na locomoção pelas águas, no nível das cheias, no gosto, no tato.

Os costumes também são contados nos relatos do cotidiano como por exemplo nas comemorações de finados, com a comilança que eu pude uma vez observar no dia da "alumiação".

E o que diz das pastorinhas, do futebol, dos bailes?

O livro tem, ainda, o encanto de um estilo musical — às vezes a frase é melodia e fere num compasso largo, mas de repente nas frases curtas o ritmo impera mostrando que Áureo Nonato é mesmo na prosa o poeta que já nos deu muitas emoções estéticas.

O Amazonas conquista, com este livro, um novo espaço na literatura brasileira.

Zora Seljan

Rio, RJ, Dezembro, 82

APRESENTAÇÕES DA SEGUNDA EDIÇÃO

Esta segunda edição de OS BUCHEIROS, autorizada pelo governo do Estado do Amazonas, merecia realmente uma breve revisão, que o autor assisadamente fez, não no sentido de corrigir lapsos de memória ou de reconsiderar aspectos frangíveis externos, ou de adoçar o estilo, mas simplesmente para corrigir falhas acontecidas no processo de composição e de revisão gráfica do livro. Agora, novamente aparelhado, sai o memorial de infância de Aureo Nonato, de que e de quem eu disse ("A Crítica", 23.08.83) as palavras que seguem, muito jubilosas porque, na sua espécie, é o único livro corajoso que se conhece na literatura amazonense, instaurado numa coragem sentimental e ingênua de menino vontadoso.

Os brasões populares são fartamente conhecidos há muitos séculos e por todo o mundo. Possuem sempre a qualidade específica de caracterizar o brasonado, seja o indivíduo ou uma comunidade. Há mais de século por exemplo se sabe que os filhos de Borba são conhecidos por comedores de camaleão. Os habitantes do Pará nos chamam de Jaraquis e nós devolvemos a amabilidade tratando-os por Jacarés. Aos habitantes de Lisboa chamam Alfacinhas e os do Porto são Tripeiros. Na antiga aldeia de São Raymundo Nonnato fora instalado o Curro Municipal, na margem direita do igarapé do São Raimundo. Do Curro saía para a cidade, via fluvial, a reboque, o batelão transporte das carnes verdes. Alguns moradores locais viviam de negociar com as vísceras adquiridas por compra e então os da cidade passaram a brasoná-los de Bucheiros. É sobre essa situação que o jornalista e compositor Aureo Nonato escreveu um livro pitoresco, um livro que escapa ao lugar comum da enfadonha literatura regional que se ocupa de infrações e vinditas seringaleiras. Um tema sedição. O Aureo Nonato escapou a essa frame e trabalhou o "memorial da infância". Essa preferência naturalmente não é nova e serve muito bem à antropologia, cuidada num informe social legítimo, derivação natural dos costumes impostos pela necessidade de viver a vida. Não ter acanhamento de dizer o que foi na infância, que vendeu bucho, etc. pareceria em outras épocas uma diminuição de prestígio. Hoje os sociólogos recomendam a necessidade de uma maior consideração pelas atividades humanas para que assim se possa reconstituir quadros históricos-sociais de uma sinúsia praticamente envolvi-

da pelo silêncio de sua insignificância como célula. Na verdade, não fora esse livro de *Áureo Nonato* e muita gente não encontraria na aldeia de São Raimundo nenhum traço de representação social pitoresca. Não que não exista. Nunca se fez, isso sim, um balanço geral na vida particular da região, isto é, a sua biografia histórica. Agora pode-se compreender que um tema tão atraente envolva assuntos de magnífica importância como as catraias, a procura do sangue do boi, das vísceras, dos galhos, dos pés para extração de gelatina, os ossos. Dos ossos um dos antigos moradores de lá fazia brinquedinhos ou bibelôs em que o boi entrava de elemento sugeridor. Hoje é praticamente difícil encontrar-mos os bons chouriços fabricados lá. Muita coisa se perdeu quando a indústria dirigida monopolizou a indústria artesanal doméstica. As célebres morcelas brancas ou morcelas doces que se comia com a boa cerveja XPTO antes do degradingolamento fatal. Um livro assim alimentado ora pela picardia da infância descuidada, ora pela satisfação espontânea de ajudar a família não se encontra seguidamente porque aos homens falta o senso das reivindicações do estado pueril, sua graça de ser. Uma feia vergonha de ser claro nos impede volver sentimentalmente ao passado, de voltar a ser criança através de confissões honestas. Um livro humano por isso mesmo e mais humanista que muita consagração pífia a que se costuma chamar biografia. Biografias onde o que mais se esconde é justamente a imensa teoria de assinalados feitos heróicos em que o jovem fraturou uma perna ou aconteceu machucado ao cair de galho de árvores do vizinho. De contrário há também a significação social da pobreza digna que impõe a necessidade do trabalho. *Áureo Nonato* não teve escrúpulo de contar sua folha de serviços à sociedade dos homens numa época — note-se bem — em que justamente atravessávamos a pior crise econômica, financeira e de vergonha deste país... Lembra-me que por essa mesma época muitos intelectuais norte-americanos vendiam maçãs na ruas para sobreviverem. Outros foram dirigir bondes e etc. O significado que tem o livro de *Áureo Nonato* para a nossa vida social é similar ao que poderia produzir um sociólogo preocupado com a mesma eventual pertinência, sendo que no primeiro autor a confissão se enriquece de maior responsabilidade e preeminência. É um livro que a gente lê com sentimento e lamenta no fim ser tão pouca coisa para o vasto mundo infantil...

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

O que se nota, antes de tudo, numa leitura atenta e profunda de *Os Bucheiros* — um memorial de infância, de Áureo Nonato — que agora vai publicado em sua segunda edição —, é a excepcional capacidade do escritor em retratar um passado de sua meninice com as tintas ou palêtas suaves, de um pintor evocativo, com tanta emotividade poética e sentimental.

Quando rememora a vida de sua família, no romântico e lírico bairro de São Raymundo, ao recordar-se da grande casa em que morou, que belo painel de evocação poética seu livro nos dá.

Está sempre presente, no livro de Áureo Nonato, aquele liame e fidelidade do poeta com o ambiente portentoso do Amazonas, ao registrar com muito acêrto psicológico, sêres e coisas inesquecíveis de sua província natal.

São nesses pormenores tão significativos do *Os Bucheiros*, que Áureo Nonato além de nos dar um volume muito belo e expressivo sobre sua infância, escreveu também um depoimento comovente sobre a vida amazonense, neste meio século de efercente metamorfose política e social.

Assim procederam outros analistas clássicos, falando da puerícia passada: Humberto de Campos (*Memórias*); Viriato Correia (*Cazuza*); Osvaldo Orico (*Da forja a Academia*); Graça Aranha (*Meu próprio Romance*); Menotti Del Picchia (*A Longa Viagem*) e Medeiros e Albuquerque (*Quando eu era vivo*). Não escreveram de roldão todos os fatos indistintos que se passaram com eles. Seleccionaram, sim, aqueles que mais tocaram as suas sensibilidades de grandes memorialistas e poetas notáveis. Não visando uma cronologia enfadonha de suas vidas aventureiras, assim como Áureo Nonato o fez, mas uma rigorosa escolha psicológica dos acontecimentos mais importantes de suas existências romanescas.

IRONIDES RODRIGUES
Professor de Literatura - RIO

A decisão do Governador Gilberto Mestrinho de mandar reeditar, às expensas do Estado do Amazonas, o livro "Os Bucheiros" — Um Memorial de Infância, do jornalista e escritor amazonense Aureo Nonato dos Santos, reafirma dois pontos importantes: a permanente atenção dedicada pelo chefe do Poder Executivo à cultura de sua terra, já manifestada em tantas outras oportunidades, e o reconhecimento que por essa via se procede, do talento e do valor de um caboclo que apesar de levado para longe do Amazonas pelos ventos da diáspora da carência, em Manaus, ao seu tempo de menino, de recursos maiores por onde desse vasilão ao seu espírito criativo e sensível, venceu lá fora, sem jamais, como tantos outros, cortar o cordão umbilical do seu amor ao torrão, melhor dizendo, ao seu amado bairro de São Raymundo Nonato.

O livro de Aureo Nonato dos Santos, que agora voltará em nova roupagem gráfica graças às artes e zelos dos rapazes da Imprensa Oficial, é mais do que merecedor do apoio que lhe deu o Governador do Estado. Escrito com a ternura de quem viveu tudo quanto consta de suas páginas, o trabalho evoca a vida do autor na sua infância de menino pobre e trabalhador, desde cedo ajudando os pais, na dura faina da conquista do pão-de-cada-dia, no então distante bairro de São Raymundo, de onde é filho. E um filho, diga-se de passagem, extremamente amoroso, desses que dedicam ao seu berço natal um sentimento de bemquerer tão profundo que chegam a confundir pessoa-terra numa simbiose carinhosa de eterno e mútuo amor.

Ver um livro como "Os Bucheiros" — Um Memorial de Infância reeditado e com isso ampliado o seu universo de leitores, é uma satisfação que me faz levar o meu abraço de parabéns não apenas ao Governador Gilberto Mestrinho e ao Aureo, mas também ao nosso povo, que assim terá aumentada a sua possibilidade de conviver com obra tão interessante.

É pois em nome do meu regosijo que abro aspas e faço minhas as palavras de José Bernardo Cabral, expedidas na apresentação da 1.ª edição de "Os Bucheiros":

"Vale a pena a sua leitura, cabendo colocar em relevo que Aureo Nonato, rapazola ainda, emigrou de Manaus para o Rio,

cidade que ele transformou no seu segundo lar e onde se tornou um vencedor, seja jornalista, poeta ou compositor. Se não conseguiu amealhar bens de fortuna, já que pouco caso faz das coisas materiais, obteve a admiração dos seus conterrâneos, para os quais, um dia levou o Teatro do Estudante, que ele ajudou a impulsionar com Paschcal Carlos Magno, de quem recebia um tratamento quase paternal.

Como amazonense é justo o meu orgulho em ver um livro seu dado a lume. Se em outras obras anteriores — poemas e artigos — divisei o homem de letras, no atual confirmo o corajoso que desfia o rosário de sua saudade, na memória que guarda dos seus e da nossa terra. Sem adulterações... sem lisonjas... autêntico como sempre”.

ARLINDO PORTO

A literatura de caráter memorialista, no Brasil, exceção à que se relaciona com a ficção, não é muito prolífera. Em compensação, os que a cultivam têm a virtude de serem de bom nível, concorrendo, assim, para valorizar o gênero, que hoje é olhado com mais respeito e simpatia, graças, ainda (e sobretudo), à presença surpreendente, nas letras brasileiras, do mineiro Pedro Nava.

Sabe-se que o autor de *Balão Cativo*, surgindo na literatura em idade proventa — daí haver o seu talento surpreendido a todos —, imprimiu uma nova dimensão ao gênero, tirando-lhe o cunho demasiado personalista com que vinha sendo exercido por alguns escritores, para dar-lhe um sentido mais abrangente e universalizante — o memorialista já não fala só dele e dos fatos ligados a ele, intimamente, mas das coisas que o cercam, dos acontecimentos que o motivam, alargando, assim, a sua visão dos homens e do mundo.

Os *Bucheiros*, Um Memorial de Infância, do amazonense Áureo Nonato, que ganhou categoria nacional com o "Prêmio Osvaldo Orico", da Academia Brasileira de Letras, é um livro escrito nesses moldes. Através das suas páginas não só penetramos o mundo da infância do autor, como ficamos conhecendo outros lugares, outras personalidades, outras contingências, as pessoas importantes que conviveram com o escritor, enfim, tudo o que tocou e informou a sensibilidade do menino Áureo.

O bairro de São Raimundo, onde ele nasceu e viveu a infância, ganha realce nos relatos do memorialista. E nem podia deixar de ser: o bairro foi o mundo em que ele abriu os olhos para a vida, pela primeira vez; ali começou a formar a sua personalidade de escritor; sonhou os seus melhores sonhos; alimentou o espírito das mais caras fantasias.

Alguns capítulos do livro revelam a preocupação do autor em retratar o seu hoje importante subúrbio: "Rua da Sede", "Ponte Inacabada", "Tipos Populares", "O Sulão", "Uma Casa Assombrada", etc. E mais: através da sua narrativa, clara e enxuta, onde a poesia aqui e ali se faz presente, ficamos sabendo da importância de São Raimundo na criação e no desenvolvimento de Manaus.

ARTHUR ENGRACIO

"O passado é consumido no presente e o presente é vivido somente porque traz consigo o futuro".

JAMES JOYCE

COMO SE FOSSEM LAGRIMAS

Minhas lembranças de infância em Manaus?!

Lá vai...

... uma porção delas!

... minha testa batendo nos postes da calçada da Casa Dias, pela manhazinha cedo, indo, cheio de sono, de São Raymundo para o mercado, levando às costas sacos de tripa seca para linguiça.

... salmoura de miúdos-de-boi escorrendo por entre as frestas dos velhos caixotes de leite "Moça" sobre a minha cabeça e descendo pelo rosto como se fossem lágrimas.

... eu e meus irmãos Chico Branquinho e Aurélio fazendo o transporte das vísceras, entre às cinco e seis horas da manhã, em canoas, do matadouro para o Mercado, onde papai já nos esperava para dispô-las nas bancas de mármore branco e começar a vendê-las com a nossa ajuda. Lembro-me ainda hoje sua inquietação aumentando ao passar das horas. O aproximar das onze lhe perturbava e deixava-o aflito. Era chegada a hora dos guardas da Saúde Pública, antecedendo o fechar do Mercado.

Tínhamos que recolher o que não fôra vendido antes. O que nem sempre conseguíamos. As vendas, na maioria das vezes, não cobriam as despesas.

A Prefeitura era implacável. Os guardas tinham ordens severas para jogar creolina por cima das bancas, estivessem ou não vazias.

Nunca se desperdiçou, tanta comida como naquela época inicial dos anos 30!

... as travessias a nado, no igarapé de São Raymundo, no auge da cheia.

... o porto das catraias que ainda hoje ligam o bairro à cidade.

Havia um grupo de bons nadadores, do qual participávamos eu, os irmãos Tribuzy, Dico e Jayme, e outros amigos de infância, quase irmãos, como o Higino, o Dióla, o Nêno e o Diquinho.

De quando em vez, um ou dois jacarés nos espreitavam, por cima das jangadas da Serraria do Flore, mas não chegavam a nos assustar e muito menos a nos convencer a interromper ou cancelar as pelejas.

... as destemidas disputas de jogos de futebol entre o Sul

América e o São Raymundo, ou entre um destes e algum clube de fora como o do Educandos.

Eram verdadeiras e renhidas batalhas no campo e ruas adjacentes.

... as épocas da passagem de levas de tucanos pelo bairro, onde se demoravam de três a quatro dias por entre as matas circundantes.

Nós, os meninos do bairro, saíamos com baladeiras ou espingardas de brinquedo, as quais nós mesmos fabricávamos, à caça daquelas belas e saborosas aves.

Os mais velhos diziam que as aves traziam doenças.

Mesmo assim, para nós, era uma festa e tanto.

... os inesquecíveis ensaios das "pastorinhas", nas proximidades do Natal.

Ah!, como era bonito aquilo e que saudade!...

Lembro-me, por exemplo, da Aglayr, uma das mais novas das irmãs Pinheiro. Sempre pronta a diabruras.

Houve um ano em que ela fez questão de participar das "pastorinhas" como a Cigana Rica — havia duas, uma pobre e uma rica —, e consegui da boa e meiga Dona Maria dos Anjos, uma portuguesa da Serra da Estrela, sua mãe, uma boa quantia para o seu traje, além de polpudas "esmolas" que ela arrancava dos amigos ricos da família.

Na apresentação primeira das "pastorinhas", ou ensaio-geral seguida de grande festa, em vez da Cigana Rica que todos esperavam ver, com largas saias de ricos cetins, jóias e lantejoulas cintilantes, apareceu uma Cigana em farrapos de velhos vestidos de sede de suas irmãs mais velhas.

Houve um grande rebuliço e até vaias.

E ela, a Aglayr, muito alegre, calma e destemidamente se apresentou sem se importar com o espanto de todos e a maledicência das rivais, que eram muitas.

No final, a explicação dada pelas suas colegas: todo o dinheiro arrecadado para a confecção do "riquíssimo" traje, que todos esperavam, ela usou para vestir suas amigas pobres.

Foi o ano em que a "pastorinha" de São Raymundo se apresentou mais bem vestida.

Outra lembrança de minha infância, também ligada às "pastorinhas". No bairro havia duas ou três, se não estou enganado.

Com a chegada do Padre Carlos Flühr, um homem culto, de grande sensibilidade e pertencente a uma família nobre alemã e contrária ao nazismo nascente, para a paróquia, elas foram perdendo muito de sua importância.

É que o Padre Carlos passou a montar a "pastorinha" no palco do Cine-Teatro Paroquial, em espetáculos muito bem cuidados.

·Era sua a direção artística, desde os cenários, indumentária, contra-regra e músicas eruditas apropriadas. Os intérpretes eram escolhidos de acordo com os diferentes tipos dos personagens.

Três figuras até hoje não me saem da mente: a intérprete da Estrela, uma menina muito bonita de nome Adélia; uma outra que fazia a Portuguesa, a irrequieta Julieta, filha do “seu” Thiago e de Dona Antonia — um casal de portugueses de há muito radicado no bairro; e a Nossa Senhora vivida, vários anos, por uma outra menina de doze para treze anos de nome Raymunda Almeida.

Que voz linda e privilegiada de soprano ligeiro possuía a Adélia!

Raymunda Almeida, através de sua face, irradiava candura e placidez, lembrando antiga imagem da Virgem. Ela é hoje minha querida cunhada Mundinha, mulher de meu irmão Aurélio, mãe de dez filhos, dos quais só cinco estão vivos.

Nestas “pastorinhas” eu fiz uma das mais vitoriosas, fulminantes e invejadas “carreiras”: comecei como “soldado”, depois fui “cigano”, “holandês” e terminei fazendo o primeiro dos três Reis Magos — o “Rei Baltazar”.

... dos carnavais de minha infância, também tenho ótimas lembranças.

Acontece que morávamos parede-e-meia com a sede do antigo Clube Beneficente de São Raymundo, um sólido prédio cujo interior ostentava belíssimos painéis a óleo e de refinado acabamento artístico, pintados nas paredes de seus amplos salões e demais dependências muito bem distribuídas.

Os bailes que ali se realizavam não ficavam nada a dever aos do Rio Negro, do Ideal ou do Nacional, em luxo e ostentação.

Só diferiam em parte na frequência e na ordem: nestes era a sociedade de ricos e esnobes; naquele eram as famílias endinheiradas do bairro, como a das Pinheiros, dos Normandos, dos Ibiapinas, das Ennes e as famílias abastadas dos comerciantes locais, na maioria constituídas de “bucheiros”, como eram mais conhecidos os que trabalhavam com vísceras no Matadouro Público, que ficava junto ao bairro, e no Mercado Público da Cidade.

Pois bem, eu e Aurélio não tínhamos mais que dez e onze anos, mas nem por isso deixávamos de querer participar dos bailes.

Daí os mil estratégias que armávamos para ludibriar o papai e o porteiro do clube, o velho Thiago.

Fingíamos dormir e depois passávamos para o quintal, subíamos por uma velha goiabeira junto ao muro, encimado por cacos de garrafas de cerveja XPTO, e pulávamos para dentro do pátio traseiro da sede, onde se instalava o bar com mesas espalhadas até as portas dos grandes salões. O “seu” Thiago, um português de “boa cepa”, como se dizia àquela época, antigo porteiro do clube por devoção e

grande dedicação, um verdadeiro "guardião dos bons costumes e da moral", não sabia o que fazer conosco, pois éramos filhos do "seu" Antônio Branquinho, como era mais conhecido o nosso pai, Antonio Nonato dos Santos, considerado um dos "donos" do bairro de São Raymundo, e sócio fundador do clube.

Nosso divertimento maior, meu e do Aurélio, era apanhar muito confete e serpentina, sentir o cheiro inebriante dos lança-perfumes, tomar guaraná e comer pastéis. Pastéis que até hoje, ao lembrar-me, me dão água na boca.

A PONTE INACABADA

Das lembranças queridas de minha infância, muitas delas guardo-as avaramente com medo que se dissipem através do tempo e se estiolem.

Mas há outras como que me obrigando a libertá-las do cativo em que as detenho. Algumas martelam em minha mente como se fossem vítimas a clamar por justiça.

Uma delass é esta: quando ainda menino, lá pelo incio dos anos 30, apareceram umas criaturas estranhas com objetos mais estranhos ainda. Para nós, os meninos do bairro, mais pareciam espiões estrangeiros ou seres de outro planeta.

Depois soube-mos que eram simples e inexperientes agrimensores, mandados pelo Governo, a fim de tomarem as medidas preliminares para a construção dos alicerces de uma sonhada e prometida ponte ligando o bairro à Cidade.

Logo, todão o bairro se encheu de renovadas esperanças e redobrado entusiasmo.

De repente, montes e montes de pedras e cimento se avolumavam à beira do igarapé, ao lado da casa das Pinheiros (a profa. Alzira, a Aurora, a Adayr, a Aglayr e a Anadyr, ainda vivas), aumentando assim as esperanças de que o progresso chegaria àquele bairro, que de escola só tinha o Grupo Escolar Olavo Bilac, funcionando num prédio construído para ser um pequeno mercado, idêntico ao que ainda hoje existe na Cachoeirinha. Hoje, mais de cinquenta anos depois, o bairro só tem apenas mais duas escolas!

Por milagre ou não de São Raymundo, o santo padroeiro do bairro, dois grandes alicerces foram construídos naquele local e mais dois do lado da Cidade entre a antiga Serraria Rodolfo e um correr-de-casas do velho Maximino Corrêa.

Mas o tempo passou...

Hoje, eles se transformaram em tristes ruínas!

Ruínas dos sonhos e das esperanças de toda a população do mais tradicional e familiar bairro da Cidade. O meu pequeno bairro pobre de São Raymundo, hoje já não tão pequeno e pobre quanto o era no meu tempo de menino.

Transcorridos mais de cinquenta anos, alguém hoje pode perguntar:

— E a ponte Leopoldo Neves, não está ligando o bairro à Cidade?!

— Não, não está ligando o bairro à Cidade: esta é a resposta certa.

A Ponte Leopoldo Neves atendeu e serviu apenas a interesses e à cobiça de proprietários de terrenos naquela área, bem distante do bairro.

São Raymundo até hoje sofre um terrível atraso em sua parte principal, que é aquela que ladeia o igarapé, defronte à antiga fábrica de Cerveja XPTO e a velha Serraria do Hore, devido ao estrangulamento que lhe impuseram. Os péssimos ônibus que servem o bairro voltam para a Cidade, circulando a Igreja que fica na parte de cima da referida área.

Com a sonhada e prometida ponte, a ligação com o centro da Cidade seria feita de ônibus em menos de 10 minutos. No entanto, a mesma ligação é feita hoje em mais de 30 minutos ou mais, mesmo de carro.

Resultado disso, aquela área que teria, com a prometida ponte, um espetacular desenvolvimento de grande importância social e econômica, continua com o mesmo atraso de há cinquenta anos, abandonada, suja, e agora, servindo de porto sórdido a um amontoado de lanchas tripuladas por gente do interior sem o menor senso de higiene e comportamento social.

“Os seres humanos não são livres e separados, e a única razão pela qual pensamos que o sejam é o nosso mal interpretado egoísmo”

ALDOUS HUXLEY

CRESPÚSCULO AMAZONENSE

Nós, os meninos do bairro — nessa época nossa média de idade era de dez anos -, olhávamos e observávamos tudo o que se passava ali de diferente.

Víamos, por exemplo, o Chico do Sitônio (seu nome era Francisco Gomes da Silva, mas nós só o conhecíamos por aquele apelido) fazendo o maior sucesso entre as jovens donzelas.

Com ele fazia par outro “bonitão”, o Raymundo Verçosa, por quem as mocinhas suspiravam.

Eram os galãs perfeitos e preferidos de todas elas.

Eles, tudo faziam para se exhibir.

O Chico do Sitônio, apesar de se intitular orgulhosamente o “Rei dos Papagaios”, era bem aplicado nos estudos, além de, aos sábados e domingos, andar muito bem vestido e quase sempre de terno e gravata, bem ao estilo dos almoçadinhas da época.

No entanto, nós os meninos do bairro, sabíamos que todo o arranjo (talas, armação, rabióla e seról) dos “papagaios” que o pretenso “Rei” soltava era feito pelo Doge (Dogival Sales de Almeida) que jogava pelo Sul América.

Na verdade, Chiquinho Daniel, que morava na Rua do Mata-douro, é que era o verdadeiro “Rei dos Papagaios”. Este, com um seról cujo segredo nem ao seu irmão passou, é que era o terror dos que soltavam papagaios. Cortava qualquer um, por melhor que fosse a sua linha e seról.

Já o Raymundo Verçosa era uma espécie de “Leão” ou “Zico” do futebol local. Tanto as irmãs Pinheiro, as mais novas, como as Ennes, disputavam a sua preferência.

Outra figura de destaque na preferência e na admiração das mocinhas do bairro era o Lourival Bandeira Xavier, filho do casal Anita José Xavier Neto.

Não era ele propriamente do bairro, mas dali não saía, pois além de namorar a Carmem Mendes de Arruda, ou Carmosa, com quem depois-casou, filha de “seu” Alberto Francisco de Arruda e de Dona Adélia, moradores na Rua São Vicente de Paula, jogava no segundo time do Sul América.

Hoje, o Lourival, ou Capitão Lourival, é da Reserva de Primeira Linha do Exército e reside no Rio de Janeiro. Tem três filhos

Loureneide, Promotora de Justiça do Rio de Janeiro; Anita, Cirurgiã-Dentista; e Archeláu, Engenheiro Químico, com vários cursos de especialização nos Estados Unidos e atualmente integra a equipe de técnicos da Dow Chemical na Bahia.

Víamos, do lado de fora, no "sereno", os suntuosos bailes na sede da Sociedade Beneficente de São Raymundo, cujos gradeados das altas janelas deixavam transparecer o rodopiar dos elegantes pares fazendo farfalhar os brocados e sedas de longos vestidos de esfuziantes damas.

Víamos as grandes e pomposas missas e novenas, com infundáveis sermões, durante os festejos de São Raymundo, padroeiro do bairro, no mês de agosto, e de São Francisco, no fim do mês de setembro até o dia 4 de outubro, com os seus arraiais festivos, muita música de orquestras ao vivo, fogos-de-artifício, disputados leilões, e, enfim, as procissões apinhadas de gente e mais gente vindas de todos os recantos da Cidade.

... e eu olhava tudo com olhares de admiração e ansiedade.
Sim, ansiedade!

Gostaria de já ter a idade deles, daqueles pares rodopiando...

... daquela gente toda

... e poder conhecer outros lugares, outras pessoas, outros mundos!

E esta ansiedade me atormentava!

... desde os meus oito anos.

Via passar o tempo!...

... as mesmas coisas acontecendo naquele mundo!

E eu não passava dos dez, doze anos...

Muitas vezes, em épocas de igarapé cheio com suas doiradas águas batendo, em descompassadas e inquietas ondas, nos compridos degraus da grande calçada da casa de minha madrinha Dos Anjos, eu, ali, sentado no meio deles,

ao cair da tarde
ou nas noites quentes,
olhava para o maravilhoso
e espetacular
crespúculo amazonense
faiscante de luzes e cores

se exibindo do outro lado da baía do Rio Negro,
ou contemplava a Cidade à minha frente, tendo ao fundo um verdadeiro lago de luz por onde flutuava a magestosa cúpula do Teatro Amazonas.

*Era quando eu me transportava
para um mundo encantado...
... cheio de surpresas e mistérios!
Esse mundo me fascinava!
E era então que eu me perguntava:
—... será que eu vou morrer sem nunca ter saído daqui?*

TIPOS POPULARES

- ... o João Baú.
- ... a Dona Maria do Tacacá.
- ... o "nego" Rosalino.
- ... o peixeiro Chico Chumbinho.
- ... o "seu" Estandelau.
- ... a Maria Fonógra.
- ... o Pedro Bala.
- ... o Facadinha.
- ... o Carapanã.
- ... o Cururú.
- ... o Prá-que-vê.
- ... o Quida.
- ... o Fiti-Fiti.

... e muitos e muitos outros faziam parte da imensa galeria de tipos que movimentavam a vida popular e pitoresca de São Raymundo.

Para nós, os meninos do bairro, eram figuras estranhíssimas e curiosas.

E não apenas para nós, elas eram figuras curiosas e invulgares, a população local também acompanhava atenta todos os seus movimentos, como se elas fossem personagens de uma peça, ora cômica, ora de horror.

Eram tipos dignos de figurar em páginas de romance de Aloysio de Azevedo ou peças de Martins Penna.

João Baú tinha sempre uma mulher vivendo com ele, no flú. Sem as duas pernas, apoiava seu pequeno corpo numa espécie de baú. Daí o seu apelido.

Vivia num flutuante, perto do porto das catraias que ainda hoje ligam o bairro à Cidade, em frente a casa das Pinheiro.

O João Baú era um catraieiro, ou canoeiro, já de meia-idade tuante. De vez em quando ele a substituiu por outra. Tinha fama de bom macho. A prova eram os vários filhos que possuía.

As brigas do João Baú com as mulheres, no interior do flutuante, eram constantes e ruidosas. Algumas delas, tragicômicas.

— ... me larga, Baú!

— me deixa, Baú!

Eram gritos inquietos e doridos que partiam de quando em vez do flutuante, marcando presença no folclore local.

Outras vezes, o pobre homem era jogado para fora do flutuante como um traste, nas águas mansas do igarapé. Entre risos e chacotas, os outros catraieiros, seus colegas, socorriam sempre o indefeso João Baú.

A Maria Fonógra era uma mulher nordestina, muito forte e resistente.

Vivia quase sempre bêbada, dando verdadeiros espetáculos de erotismo degradante por onde passava.

Desde o porto das catraias, passando pelo lado do Grupo Escolar e entrando na Rua da Sede, onde eu morava, a caminho de sua casa que ficava numa rua depois, o espetáculo era o mesmo.

Na Rua da Sede, quando ela passava levantando o vestido, única veste de seu corpo, e dizendo palavras ou cantando cantigas obscenas, com letras inventadas, as portas e janelas das casas eram fechadas e nós os meninos aconselhados pelas nossas mães a não ouvir aquelas "indecências".

Uma das cantigas que a Maria Fonógra sempre cantava, com sua voz possante e estridente — daí o seu apelido, pois lembrava o fonógrafo —, era a do "Tatú subiu no pau... ", cuja letra ela deturpava, usava e abusava nas variações mais pornográficas possíveis.

E quando não cantava cantigas, cantava qualquer menino ou rapazola, que lhe passasse por perto, mostrando suas partes desnudas com o simples levantar do vestido.

Já a Dona Maria-do-Tacacá, essa era para nós, os meninos do bairro, uma verdadeira "bruxa" de contos de fada.

Todas as tardes, o nosso grupo ia para a frente do Grupo Escolar ver as meninas, as moçinhas e as mulheres que ali passavam.

O ponto de atração era a banca da "velha" Dona Maria Barbosa, mais conhecida como Maria-do-Tacacá.

Como eram animadas e divertidas aquelas tardes, depois das quatro horas!

A "velha", que tinha o rosto todo cheio de pequeninas e estreitas rugas parecendo um maracujá-de-gaveta, era uma nordestina (se não me engano sergipana) de língua afiada e ferina. Falava mal de todo mundo. Quando não tinha nada o que falar de alguém, ela inventava.

Seu linguajar era um todo especial. Dizia: "oithio" em vez de oito, "oithiubro" em vez de outubro, e outras barbaridades.

Mas o seu tacacá era o mais procurado pelos apreciadores, mesmo com a má fama que tinha, proveniente do velho e fedorento cachimbo, que ela não dispensava nunca, pendurado permanentemente num canto de sua boca desdentada.

Diziam todos que ela, quando servia pessoas de quem não gostava ou cismava, cuspiam na cuia antes de servir o tacacá.

*Tudo isto se passava lá pelos idos dos anos 30.
Que saudades dos meus tempos de menino, no meu São Ray-
mundo!*

Ah! e o que dizer do "seu" Estanislau?!

Que admirável era esse homem!

Um nordestino dos bons!

*Andava sempre embrenhado nas matas, trazendo lenha, car-
vão, piaçava, ou seringa, para vender na Cidade.*

*Alto, muito branco e forte, parecendo descender dos invasores
holandeses lá pelas bandas de Pernambuco.*

*Casado com Dona Nenen, uma cearense, gerou vários filhos
e filhas incluindo duas gêmeas.*

*Era o pai do Nêno, mais novo do que eu e os meninos do meu
tempo, mas que depois passou a fazer parte de nossa turma.*

*A família que era Memória por parte do "seu" Estanislau, e
Castelo Branco por parte de Dona Nenen, morava na Rua da Sede e
bem próxima a casa de meus pais.*

*Papai o chamava pelo nome de Estandelau. E a Dona Nenen,
sua mulher, só o chamava de Sinal.*

Eu só passei a saber de seu nome correto muito anos depois.

Era, porém, uma figura e tanto, esse "seu" Estandelau!

*Suas conversas se constituíam em verdadeiras e impressio-
nantes narrativas. Atraíam curiosos de toda a vizinhança.*

*Todas as noites se formavam rodas em volta dele, que altiva
e orgulhosamente encantava os seus ouvintes com estórias fantásticas,
das quais, dizia ele, sempre participava. E, para maior autenticidade
do que contava, sempre pedia o testemunho incisivo da mulher.*

*Dominava os seus ouvintes e prendia-os ao seu redor até alta
noite, com o seu linguajar fluente e expressivo.*

*Soubesse ele, o "Seu" Estandelau, escrever, ou se tivesse sido
gravado, todo aquele mundo de fantasia, de mistério, de encantamento
e magia, que ele magistralmente criava, tendo como fundo a floresta
e os rios do mundo amazônico, estaria ele figurando hoje nas páginas
de nossas antologias como um dos mais autênticos contistas brasileiros.*

Analfabeto, porém, não passava de um grande mentiroso!

*A maioria dos que o cercavam por noites a-fio, maravilhados
com o seu contar de estórias, iam ouvir as mentiras ou potocas do
"seu" Estandelau.*

*O meu pai era um deles. Quase sempre, principalmente em
noites de luar, ele o chama da calçada de nossa casa:*

*— Cumpade Estandelau, vem prá cá home. Vem contar
umas mentiras daquelas boas!*

*E ele ia! Sem melindres e até com certo ar de orgulho e supe-
rioridade!*

*Para nós, os meninos do bairro, era maravilhoso ouvir as suas
descrições*

*de cobras gigantescas, com faróis na testa,
e encalhando navios do Loyde;
de botos que durante a noite
se transformavam em homens
conquistadores de caboclas;
de ataques de índios ferozes;
de tribos de índias guerreiras
muito brancas, altas e loiras,
montadas a cavalo;
de árvores tão grossas
que precisavam de dez
ou mais homens de mãos dadas
para circundar o seu tronco;
ou de tartarugas imensas que aguentavam
meia dúzia de homens em seu casco —
aos quais a comadre Nenen acrescentava:
... e mais cinco no peito, Sinal!
Quanta saudade dos meus tempos de menino,
no meu bairro de São Raymundo.*

COMO SE FOSSEM UMA SÓ FAMÍLIA

Pontificavam socialmente, no bairro, as famílias do "seu" Valentim Normando e do "seu" Henrique Pinheiro, aquele pertencente a uma numerosa família de Manaus, e o outro, um cearense bem sucedido nos negócios da pesca, casado com uma portuguesa da Serra da Estrela, Dona Maria dos Anjos Pinheiro.

Depois vinham as famílias dos Ibiapinas e dos Bessas, esta última, então, numerosíssima.

Havia também uma esmerada, competente, e muito procurada costureira, ou modista com se dizia àquela época, Dona Mariana Ennes, com suas filhas Izolina, Sinhá e Adalgiza, do primeiro marido, e Eunice, Irinéia e Chiquinha, filhas do "seu" Pedro Pacheco, dono de uma das duas mercearias mais bem abastecidas do bairro. A outra mercearia era a do "velho" Sitônio.

Outras famílias também marcavam presença destacada como a dos Medeiros, dos Queiroz, dos Macedos, dos Cavalcante, dos Almeidas, dos Feitosas, e muitas e muitas outras, pois como já disse, São Raymundo era, no meu tempo de menino, um bairro tradicionalmente família.

E todas elas se confraternizavam como se fossem uma só família.

Claro que aconteciam, de quando em vez, os costumeiros entrecuchos de vaidades, os exibicionismos, os disse-me-disse, que disso nenhuma sociedade, por melhor que seja pode se livrar.

Os Bessas, os Queiroz, os Mouras Nascimento, os Cavalcantes, os Guedes Cavalcantes, os Bernardinos de Senna, formavam os grandes clãs do bairro.

Lembro-me dos Cavalcantes formado pelas famílias do "seu" Zuzá; do "velho" Chato; e de "seu" Francisco das Chagas Cavalcante. Eram todos irmãos.

Esse último era casado com Dona Francisca Rebouças, com a qual teve onze filhos: Edina, Enedino, Enedito, Enéas, Esmeraldino, Edgard (este afilhado de meus pais), João, Francisca, Maria Rosa, Raymundo e Ademar.

... do clã dos Bessas, que era entrelaçado com o clã dos Queiroz, lembro-me que havia o "velho" Manoel Bessa, casado com Dona Maria Elisa. Seus filhos: Eduardo, Ernestina (essa foi uma das

minhas professoras), Manoel (esse formou-se padre-secular, mas depois de alguns anos abandonou a batina e casou-se com uma jovem de Urucurituba), Rosa, Adelayde e Elisa.

O "seu" José Raymundo Bessa, casado com Dona Maria de Queiroz (irmã de Raymundo Queiroz). Seus filhos: Theodoro, Augusto, Nilton, Wilson, Mocinha (essa, até hoje uma bonita mulher), Carmem, Adalgisa (a Dazinha, outra das mais lindas meninas do bairro) e Alcié.

O "seu" Josué Bessa, esse também era casado com uma Queiroz: Dona Emilia. Ele mantinha em sua casa, pegada a farmácia do "seu" Vieira, uma barbearia. Era o nosso barbeiro.

De seus inúmeros filhos, lembro-me bem de sua filha mais velha, a Francisca Bessa, ou "Francisquinha", como todos nós a chamávamos, e do Rodolfo, um jovem muito inteligente, de bonita e elegante postura, cedo desaparecido, tragado pela "velha bruxa" Dona Morte.

Essa "Francisquinha" Bessa, que era uma encantadora moça, bela, elegante e muito vaidosa, casou e depois foi para o Rio de Janeiro, onde mudou de nome, passando a chamar-se "Francis". E, aí daquele que a chamasse de Francisca ou Francisquinha! Também não era mais amazonense e muito menos de São Raymundo, o chamado "bairro dos bucheiros".

Dos Queiroz só me lembro do "seu" Raymundo Queiroz, casado com Dona Vicentina. Seus filhos: Horácio, Cristina e Raymunda.

Dos Torres, lembro-me de sua principal figura que era a "Mãe" Naninha, ou Dona Ana Torres, a parteira mais conhecida do bairro, casado com "seu" Vitor Torres. Tiveram dois filhos: Francisco e Judith.

A Judith casou-se com o Chico Chumbinho

O Francisco casou-se com Francisca Maciel. Seus filhos são: Jayme, Jonas, Raymundo e João Torres.

Lembro-me ainda do casal Izabel Leal-Henrique Ferreira da Costa, pais da Toíinha ou Antônia Leal. A Toíinha Leal casou com um português de nome José Cardoso Alves dos Santos e teve dois filhos: Antônio e Izabel. Esta casou-se com o João Torres e vivem hoje no Rio de Janeiro, onde ele funciona como Técnico Judiciário Juramentado do 1º Ofício de Notas da Cidade. O casal tem três filhos: Marcelo, Janaína e Gustavo.

... dos Senna ou Bernardino de Senna. Estes dividiam-se em três ramos: o de Vicente Bernardino de Senna, casado com Thezeza Bandeira. Seus filhos: Pedro (o conhecido Pedrinho, fanático torcedor do São Raymundo Sport Club, à custa do qual ganhou e fez muitos amigos e inimigos), Hildebrando (esse, antigo funcionário dos Correios, e, hoje, advogado militante no foro de Manaus), e Francisco.

O Pedro Senna, ou Pedrinho, até hoje é uma das figura mais

características de São Raymundo. Com sua mulher, Dona Luzia do Valle, formam o par mais popular do bairro. Qualquer informação que se queira, sobre gente, coisas e acontecimentos locais ou da Cidade, o Pedrinho está sempre pronto a dar e a acrescentar alguma coisa. O casal tem dois filhos: Francisco e Raymundo Senna (esse, um dos vereadores mais ativos da Câmara Municipal de Manaus).

RUA DA SEDE

São tantas e tão variadas as lembranças de minha infância, que às vezes não sei por onde começar um relato mais preciso das mesmas de tão entrelaçadas que estão em suas vivências.

Como esquecer a minha, a nossa Rua Sede, onde nós os meninos do bairro: Dióla; Aurélio, meu irmão; Nêno; Higino; e tantos outros, passávamos tardes e noites intermináveis, ora em combativas "peladas", outras vezes em compridas conversas na calçada da sede, algumas outras ouvindo, entre espantados e atentos, as estórias fantásticas de "seu" Estandelau, e muitas e muitas outras vezes em fantásticas noites enlustradas, comendo as melancias que íamos comprar, a mando de papai, nas praias a beira do igarapé.

Como esquecer as famílias que moravam ali e com as quais dividíamos as nossas atenções e as nossas amizades?!

... da "velha" Dona Mariquinha, que morava numa casa que todos acreditavam ser mal-assombrada, e de suas duas misteriosas filhas, já trintonas, Maria Gága e Izaura!

... do "velho" Chato! Da Dona Marieta, sua mulher. E da Rita, da Nathalia, do Xilóca, do Juquita, e da Das Neves, seus filhos.

... do "seu" Antonio Macêdo, de sua mulher Dona Antonia Bandeira, e de seus filhos: Raymundo Macêdo, outro dos "mocinhos" do bairro; Maria Macêdo; e Lourdes, uma das meninas mais bonitas que já conheci!

Toda essa gente — gente boa, gente simples e honesta —, povoa as lembranças de minha infância!...

Nossa casa ficava já quase no fim da Rua da Sede, esquina com a Rua São Francisco (ou Rua da Bósta, como era mais conhecida).

Nessa rua — São Francisco —, logo depois da casa mal-assombrada da Dona Mariquinha, morava o "seu" Zuza, da família Cavalcante e irmão do "velho" Chato, com sua mulher Dona Laura, e seus filhos: Loló, Amadina, Ribamar, Flávio e Aureliano.

Já quase no fim dessa rua morava uma numerosa família negra, muito humilde, descendente de escravos, e na qual se destacavam impressionantes tipos, como o "nego" Tóta; a Rosária; a Dona Dôra, com a qual tínhamos todos, em nossa casa, uma estreita e sólida ami-

zade, pois além de ser a nossa lavadeira de roupa”, nos aconselhava como se fosse nossa “mãe-preta”.

Um dia, bem me lembro da revolta dos moradores da Rua da Sede, incluindo, principalmente nós os meninos do bairro.

Iam tirar o nome da nossa querida Rua da Sede!

Era a Prefeitura que queria homenagear um membro de família ilustre de Manaus: o Doutor Adriano Jorge.

A nossa rua nunca aceitou o novo nome.

E até hoje ela só é lembrada e referida, por todos nós, como a Rua da Sede.

SEU NÚMERO ERA 85

*Saudade, cheia de graça,
alegria em dor difusa
doença da minha raça,
pranto que a guitarra lusa,
em seu exílio verteu. . .
Ah! quem sentir-te não há-de
se foi dentro da saudade
que a minha pátria nasceu.*

MENOTTI DEL PICCHIA

Sempre que se fala em lembranças, a saudade se apresenta à solta na mente de certas criaturas.

Sou daqueles seres!

... daqueles seres que só têm na mente as lembranças das coisas boas...

... das coisas que valem a pena ser lembradas.

Uma delas se prende a uma casa grande de esquina com a Rua da Sede e a Rua São Francisco.

A sua frente principal dava para a Rua da Sede e o seu número era 85, figurando em branco numa placa azul afixada no portal superior da porta principal.

Nessa casa o meu pai, Antonio Nonato dos Santos, logo que casou, em 22 de fevereiro de 1919, com minha mãe, Virgília Ferreira de Souza — seu nome de solteira —, foi morar lá, onde no dia 1.º de abril de 1921 eu nascia.

Era uma casa grande, com uma espaçosa sala-de-visitas, logo à entrada, seguida de um amplo e comprido corredor pelo lado esquerdo, com duas grandes janelas e uma porta laterais dando para a Rua Francisco.

Pelo lado direito e depois da sala-de-visitas, seguiam-se o quarto maior do casal, o quarto das meninas, minhas irmãs Anália, filha natural de meu pai, Alayde, Arlete e Alice; e o quarto dos meninos, o nosso quarto: meu, do meus irmãos Aurélio, Aristídes, Agostinho (falecido aos dois anos e meio), Antonio — ou Tônico —, e Chico Branquinho, filho do primeiro casamento de papai.

Logo depois vinha uma ampla sala-de-jantar e a cozinha.

O quintal era imenso.

Nele havia muitas árvores frutíferas, dentre as quais se destacavam uma enorme goiabeira, um cajueiro, uma gravioleira, um pé de ata, uma limeira, e um pé de biribá, além de bananeiras e mamoeiros.

Já quase no fim do quintal ficava a sentina. E, antes dela, um grande banheiro com um tanque sempre cheio de água, que para nós meninos era uma verdadeira piscina.

Nesse quintal, mamãe dirigia a criação de galinhas, carneiros e porcos, para o consumo caseiro. E também cuidava, com o maior

carinho, de uma pequena horta e de suas incontáveis plantas, das mais variadas espécies, desde rozeiras, tajás, begonhas, cravinas, etc, além de ervas medicinais, como a erva-cidreira, a erva-doce, e outras.

Foi nessa casa que vivi!

Até aos meus dezessete anos, quando saí de Manaus para o Rio de Janeiro.

E como eu vivi!

... ali, naquela casa.

Vivi momentos de intensas vibrações...

... e incontidas alegrias.

Como eu os vivi!

Vivi aquela Vivência aconchegante

da família que sempre se reunia

com os amigos nos aniversários

e nas festas constantes do bairro.

... nas festas juninas;

... nas festas da Igreja comemorando São Raymundo, o santo padroeiro do bairro, no mês de agosto, e de São Francisco, no mês de outubro;

... nas festas do Carnaval e do Sábado de Aleluia;

... quando todo o bairro ficava em tempo de festa.

O meu pai era um dos primeiros a preparar a casa e a família para comemorar condignamente os acontecimentos.

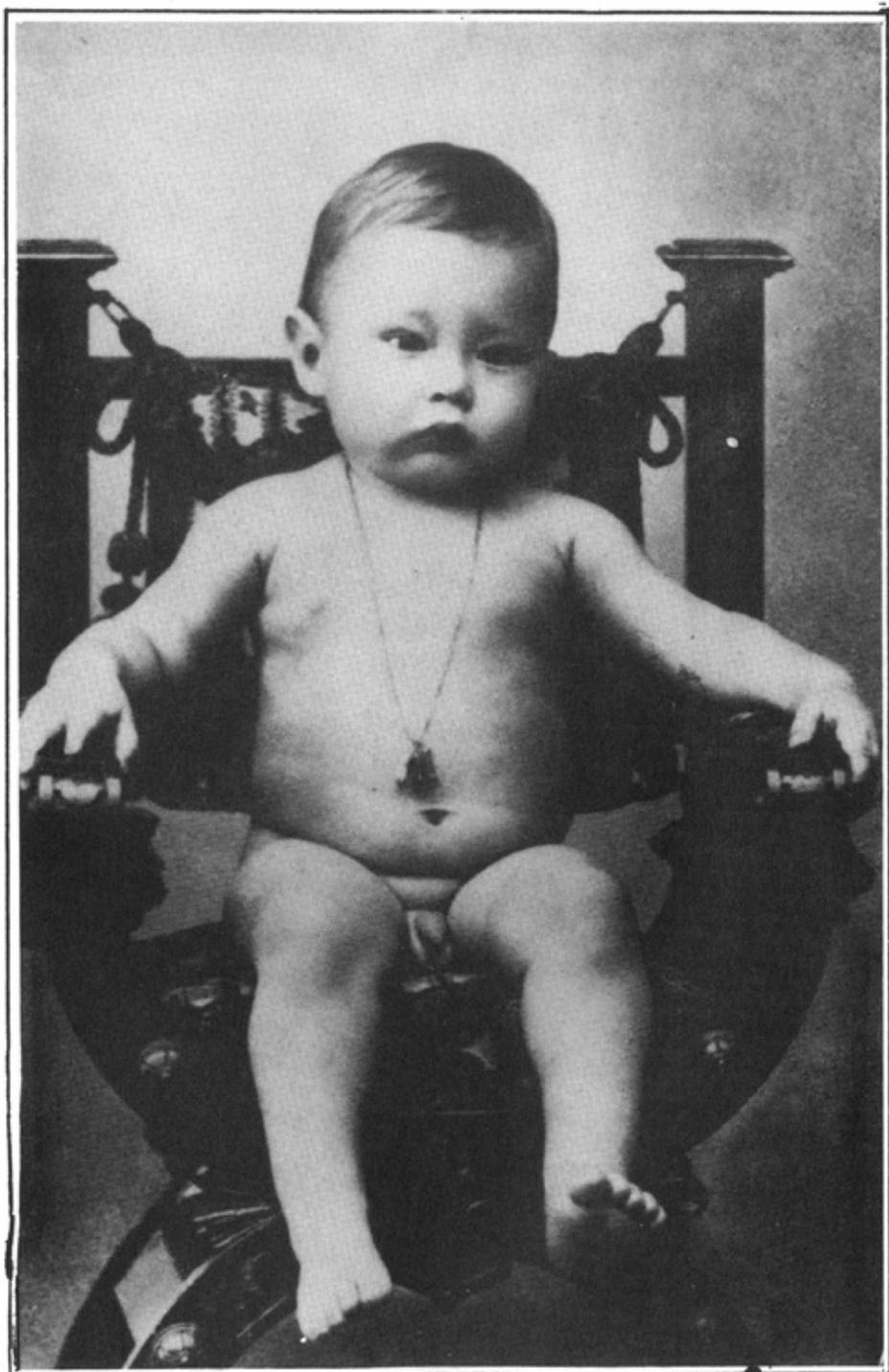
Um mês antes do dia 13 de junho, dia de Santo Antonio, papai nos fazia acompanhá-lo, numa de nossas canoas, pelas beiras do igarapé próximas as serrarias do Rodolfo e do Hore, em verdadeiras "caçadas" às toras e pedaços de madeira para a grande fogueira que todos os anos acendíamos, em frente a nossa casa, desde a véspera de Santo Antonio, dia 12 de junho.

Era a preparação para a grande festa de aniversário de papai, que se chamava Antonio.

Papai fazia questão, sempre, de convidar todos os seus amigos, vizinhos, compadres e fregueses do Mercado para a grande festança.

Invariavelmente, ele fazia um cozinheiro profissional, com aquele chapéu grande e toda a paramentação adequada, e ajudantes de cozinha, contratados em navios ancorados no porto, para fazer o almoço e jantar de aniversário.

Ainda hoje me lembro dos leitões assados e enfeitados de ovos e rodelas de limão; das mais variadas travessas de saladas de pescada e de bacalháu com maioneses especiais, decoradas com esmero em variados matizes, predominando sempre o vermelho dos tomates e pimentões.



— O autor com um ano de idade (Fotografia alemã).

OLHOS D'ÁGUA E CACIMBAS

Nas épocas das cheias, entre os meses de maio e meados de julho, era quando nós, os meninos do bairro, ocupávamos o nosso tempo disponível ora nas travessias a nado do igarapé de São Raymundo, entre o porto das catraias do bairro e o da Cidade, ora em divertidos passeios de canoa, que se estendiam até a metade ou até o outro lado da baía do Rio Negro onde ficava a praia-dos-cachorros.

Em todos esses passatempos, o banho era uma constante.

Como éramos felizes e divertidos, quando caíamos nas águas do igarapé ou nas límpidas e doiradas águas da baía do Rio Negro!

Nunca brigávamos, éramos todos irmãos de alma!

Nas noites de lua cheia, o calor nos levava sempre à beira do igarapé, perto do porto das catraias, em frente a casa de minha madrinha Dos Anjos,

e ali ficávamos...

... conversando e

sonhando sonhos irrealizáveis...

como o de ir de avião até a lua

ver de perto o São Jorge

(assim sonhava o Higíno)...

ou o de construirmos uma ponte grande até a Cidade

e irmos passeando a pé até o outro lado

do nosso querido igarapé de São Raymundo.

Pelas épocas das secas, lá pelos meados de agosto até meados de outubro, os nossos passeios e divertimentos eram outros. Só tendo de comum com os das épocas das cheias, os banhos.

O igarapé às vezes secava tanto, que ficava apenas uma correnteza de pouco mais de dez metros em alguns lugares mais largos, como no porto-das-catraias.

Nessas épocas, por influência dos padres (seculares) da Paróquia do bairro, se construía uma pequena ponte-de-madeira, que servia mais para facilitar a afluência de público às novenas e festas de São Raymundo, dia 13 de agosto, e de São Francisco, dia 4 de outubro, do que mesmo para servir a população do bairro.

Entre o fim da Rua da Sede, na descida depois da casa da "velha" Dona Mariquinha, até o outro lado do igarapé, dando para

o fundo do salgadoiro do "curri" (como também era conhecido o Matadouro Público), a gente se deparava com uma espécie de vale cheio de arbustos, de pés de melancia, de melão, maxixe, camapun e muito capim alto.

No meio desse pequeno vale, uma correnteza de uns três a quatro metros de largura, com uma altura d'água de pouco mais de palmo-e-meio.

E muita areia em toda a extensão do vale que ia assim até ao lado da fábrica de cerveja dos Miranda Corrêa.

Nas encostas desse apareciam pequenos olhos-d'água, ao lado dos quais os moradores vizinhos cavavam e formavam cacimbas, de onde retiravam água sempre límpida, meia azulada e muito refrescante.

Esses olhos-d'água e cacimbas, eram uma das grandes atrações para nós os meninos do bairro.

Era nas imediações dessas cacimbas e daqueles arbustos, pés de melancia, de melão, maxixe, camapun e muito capim alto que brincávamos de manja e de "bandidos" e "mocinhos" dos filmes de "faroeste" que víamos no Cine-Paroquial.

Na correnteza, as nossas brincadeiras consistiam em fingir de nadar, dando grandes braçadas e espalhando água nos companheiros, ou então fingir de jacaré à espreita de suas possíveis vítimas.

Nas bordas das mesmas, aproveitando a areia sempre molhada, construíamos figuras estranhas, casas, palácios, castelos, fortalezas, e, principalmente, malocas e acampamentos de índios.

Pelo lado direito do porto-das-catraias, indo pelas margens do igarapé e da baía do Rio Negro, até bem depois do cortume, apareciam belas praias entrecortadas de pedreiras e pequenas árvores, araçazeiros, goiabeiras, e pitangueiras.

Era nesse cenário que não só nós os meninos do bairro, mas toda a gente de São Raymundo e até da Cidade se embrenhava, todas as tardinhas, para divertidos "pic-nics" e banhos à beira das praias de areias finas e limpas. E, principalmente, para apreciar

os extraordinários pôr-do-sol
amazonense
entreluzindo
por entre nuvens multicoloridas,
sob as mais diversas formas,
compondo
um estranho mundo encantado
de luzes, cores e imagens.

Descendo a Rua Central, que fica por trás da igreja, indo em direção a beira do rio, a gente chegava até uma parte da praia onde a maioria das mulheres do bairro se juntava para lavar roupa.

Era o local que nós, os meninos do bairro, preferíamos, pois à volta de cada uma delas havia duas, três ou mais meninas, às quais

nos juntávamos para as mais divertidas brincadeiras e, também, porque a qualquer perigo de aproximação de jacaré ou arráia, elas nos vinham socorrer.

Sempre às tardinhas, ali ficávamos, brincando por entre as canoas à beira da praia e tomando banho em volta das balsas das mulheres lavando roupa e as meninas, só saindo dali, de volta para casa, após o

*espetáculo do pôr-do-sol,
onde o vermelho predominava
numa explosão mágica
de cores e luzes.*

“Até bem pouco tempo, não se falava no Amazonas e vamos e venhamos: por que falar do que não se sabe. O sujeito que no Leblon ou no “Antonino” declama sobre o Amazonas é na melhor das hipóteses, um cínico. Teríamos que ir lá, fisicamente, teríamos que apalpar, farejar aquela imensa e florestal Sibéria. O Amazonas não é um mundo, são vários mundos”.

NELSON RODRIGUES

A PRIMEIRA VIAGEM

Princípios dos anos 30! . . .

Guardo na lembrança, até hoje, o nome de duas lanchas boieiras.

Durante as férias, papai se preocupava em nos proporcionar, a mim e ao meu irmão Aurélio, novidades e surpresas.

De junho a junho, acompanhando-o em seus afazeres no "curri", cuidando de miúdos-de-boi e tripas secas para fazer linguiça, eu e meus irmãos Chico Branquinho e Aurélio, víamos e presenciávamos o desembarque do gado que chegava para o abate, vindo a bordo de grandes batelões atracados às lanchas "Diana" e "Obidense".

Foi nessas lanchas que participei de duas viagens pelo Baixo Amazonas, vendo o trabalho de troca de mercadorias por produtos agrícolas, como castanhas, peles-de-balata, peles de onça e jacaré, cachos de banana e outros produtos, além da compra e embarque de gado para o abastecimento da cidade de Manaus.

A primeira viagem, foi assim:

Depois que meu pai recomendou-me ao Comandante da "Diana", segui para bordo com uma pequena trouxa contendo duas calças, um calção-de-banho e três camisas; pasta de dentes, sabonete e um par de botinas.

O suficiente para a vigam de ida e volta, durante 14 a 15 dias.

Podia eu dormir no camarote do imediato, velho conhecido de papai, ou numa rede, reservada para mim, na parte do convés ocupada pelo refeitório.

Recordo-me que todos os participantes da grande mesa de refeições, desde o comandante, o imediato, o piloto, o mestre, o contra-mestre e os serventes, se admiravam de meu comportamento à mesa e de meus conhecimentos. Eu já tinha, então, os meus dez anos e terminava o curso médio no grupo escolar Olavo Bilac.

Durante a viagem, tudo para mim tinha o sabor de aventura!

O cheiro de bordo agia em mim com um excitante!

A chegada a Itacoatiara foi uma festa.

Saltamos, uma turma da guarnição e eu, da lancha para uma canoa que nos levou para uma espécie de balsa ancorada no barranco. Daí seguimos para o centro da pequena cidade.

Desvencilhei-me logo do grupo e fui até a igreja e ao mercado, para uma passada rápida de olhos.

Papai, nos dizia, sempre, para mim e para o Aurélio:

Quando a gente visita um lugar ou uma cidade, a primeira coisa que se deve fazer é conhecer o mercado, a igreja e a "zona". Fazendo isso a gente fica conhecendo a cidade por inteiro e a sua gente.

Ele estava certo. Depois disso era como se eu já conhecesse Itacoatiara há bastante tempo.

Horas depois, nos reunimos na balsa ancorada no barranco e onde tomamos de novo a canoa que nos levou de volta a lancha.

Essas cenas se repetiram em Parintins e Óbidos, tanto na viagem de ida como na de volta. De Óbidos, a "Diana" voltava a Manaus.

Em cada cidadezinha ou lugarejo onde a "Diana" parava por seis ou mais horas, principalmente durante a viagem de volta, era uma festa de alegria, de boas vindas, de troca de presentes, entre o pessoal da guarnição de bordo, incluindo o comandante e seu pequeno comando, e a caboclada e seus muitos meninos que se misturavam com os trabalhadores locais.

Enquanto isso, o pessoal do batelão e os caboclos de terra faziam a conferência e o embarque do gado, além de mantimentos para bordo, como pirarucú fresco, leite, queijo, manteiga, ovos de tartaruga, milho, mandioca, ou macacheira, melancias, abóboras, ou jirimums, maracujás do mato e bananas.

Entre um lugarejo e outro levava-se até dia-e-meio ou dois dias de viagem, próximo às ribanceiras, igapós, cerrados e matupás.

E era um permanente desfilar de imagens...

... impressionantes e maravilhosas!

Meu olhar, sempre pronto e penetrante,

sequioso de novas imagens,

estava delirantemente

voltado para os barrancos,

em pleno rio Amazonas

com suas águas barrentas

correndo voluptuosamente,

num borbulhar permanente.

À noite, a lancha afastava-se um pouco mais das margens do rio, evitando assim a incômoda presença dos carapanãs. Uma unidade então tomava conta de todos os cômodos, obrigando-nos ao uso de agasalhos e cobertas de lã.

Pela manhã, porém, a lancha se aproximava mais das barrancas do grande rio.

Era quando um novo espetáculo começava!

Víamos belas aráras, azuis e vermelhas, pousadas nas margens das árvores. Elegantíssimas garças, ensaiando, à beira do rio, um ma-

gestoso "ballet" até hoje nunca visto nos grandes teatros do mundo.

Papagaios, curicas, periquitos, e uma infinidade de outras aves, cada uma mais bonita que a outra, espantadas e voando de árvore em árvore, nunca confusão estonteante de vozes.

Veza por outra, nossos olhares se deparavam com uma cobra enroscando-se nos troncos caídos às margens do rio.

Seguindo a lancha, quase sempre podíamos observar, com um olhar mais atento, botos ou imensos cardumes de peixes, como se estivessem a espera de que jogássemos alguma comida dentro d'água.

Era o que fazíamos.

Acontecia, então, uma verdadeira batalha fluvial!

Muitos deles pulavam fora d'água, quase meio-metro.

Era um espetáculo extraordinário!

Por umas três vezes, durante a viagem, fomos vítimas de chuvas e temporais.

Nessas ocasiões, o céu escurecia de todo.

O terror e o pânico tomavam conta de toda a tripulação de bordo.

O grande rio transformava-se em mar!

Ondas imensas agressivas e misteriosas, obrigavam o comandante e o piloto a procurar depressa um porto seguro para a lancha, numa das pequenas enseadas.

Encolhido, eu ficava a um canto, junto ao camarote do comandante, tranzido de pavor e frio.

A sensação do perigo, no entanto, tinha para mim um sabor todo especial de aventura que me fascinava!

Logo o tempo amainava e tudo voltava ao normal...

... como ao normal voltaria tudo para mim, quando a "Diana" chegava de volta a Manaus!

... o sonho,

... a aventura,

... havia terminado.

OS BUCHEIROS

Não me recordo se o Aurélio e o Chico Branquinho fizeram a mesma viagem que eu fiz, mas me parece que papai, consciente de sua impossibilidade de ser "marchante" de gado, como "seu" Marques ou o "seu" Andorinha, dos quais ele comprava os miúdos que tratava no "curri" e os vendia no Mercado Público, sempre com a nossa ajuda e de mais dois ou três empregados, tinha como propósito nos preparar para realizar o seu sonho impossível.

O "seu" Antonio Branquinho, neste particular não foi ajudado pela sorte.

Seus filhos homens, a começar pelo Chico Branquinho, eu, Aurélio, Aristides e Tonico, o mais novo, não eram, nunca foram e jamais seriam comerciantes ou negociantes, pois falava em todos nós mais alto o coração.

Eu, desde pequeno, era um rebelado com aquela espécie de trabalho: troca de comida por dinheiro.

Do que eu gostava mesmo era de sonhar, de fazer longos passeios, de ver filmes de cinema, de aventuras, de ler livros, revistas e tudo o que me caia as mãos, até histórias-em-quadrinhos e as estórias de Trancoso, do Jeca-Tatú e do Zé-Macaco, além dos almanaques do Biotônico Fontoura, do Capivarol e aquele das pílulas-de-vida do Doutor Ross, e o da Bristol!

O único que ainda hoje permanece no ramo e no mesmo nível que papai deixou o trabalho é o Aristides. Seus dois filhos homens, Adelson e Antonio, não deram para a coisa e seguiram outros caminhos.

O Tonico — Antonio Nonato dos Santos Filho — o mais novo, este eu o levei, ainda menino, para o Rio de Janeiro. Hoje ele está em Brasília, servindo no Estado Maior das Forças Armadas, no posto de Primeiro-Tenente do Exército. Está casado e com três filhos: dois rapazes, Antonio Cecílio e Ricardo, e uma menina, Patrícia.

O Aurélio, este foi o que mais se aproximou de nosso pai, em sua dedicação ao ofício de vender vísceras no Mercado, juntamente com seus filhos Arthur, Adhemar e Nathanael. Estes, porém, não quiseram prosseguir no negócio do pai e do avô. O Arthur, cedo prestou concurso para o Banco do Brasil e de imediato conseguiu uma transferência para o Rio, onde terminou seus estudos de contabilidade

e casou. O Adhemar, este também entrou, por concurso, para o Banco do Brasil. O mais novo, Nathanael, ficou em Manaus e, hoje, já casado, tem um bom emprego numa multinacional da Zona Franca de Manaus. Tendo já completado os seus 59 anos, Aurélio resolveu aposentar-se e viver da renda de algumas de suas propriedades e terrenos.

O Chico Branquinho, nosso irmão mais velho, filho do primeiro matrimônio de papai, foi outro que não passou daquilo que aprendeu com o nosso pai.

Boêmio inveterado, era ele bem um personagem típico das estórias da "vida-real" que Nelson Rodrigues tão bem soube transpor para a nossa literatura.

Todas as noites se embrenhava ele lá pelas bandas da "zona fria" da Cidade, onde funcionavam os cabarés La Hoje, Verônica e o Rosa de Maio e outras casas do baixo meretrício. Sua mesa ficava apinhada de jovens "mariposas" atraídas pela comida e bebida sempre a farta. Depois, já alta a madrugada, ele levava para suas casas, em seu grande jipe, aquelas que não conseguiam se "arrumar" com algum caboclo endinheirado ou um comerciante qualquer.

No dia seguinte, na sua banca do mercado, ele distribuía, de graça, comida para as que iam a sua procura.

Lembro-me de um fato, isto lá pelos princípios dos anos 50, por ocasião de uma das minhas idas a Manaus, que me impressionou muito pelo despreendimento e astúcia demonstrados.

Estava ele, pachorrentamente sentado numa daquelas cadeiras-de-vime do Pavilhão, nas proximidades da Matriz e da antiga estação de bondes, quando ali cheguei para um encontro à noite depois do jantar.

Em menos de meia-hora chegaram e passaram por ele umas quatro mulheres já trintonas. Abraçavam-no efusivamente e sentavam-se por alguns momentos num dos braços da cadeira.

Era o suficiente para que eu observasse que, sem darem muito na vista, elas metiam a mão em seus bolsos, do blusão ou da calça, e retiravam notas de 10, de 20 e até 50 cruzeiros.

Foi quando eu então lhe fiz uma observação:

— Chico, as mulheres estão levando o teu dinheiro, rapaz!
Um vasto e complacente sorriso se estendeu por todo o seu rosto e calmamente me confessou:

— Esse é delas. O meu está aqui, debaixo da bunda.

De fato, ele trazia sua enorme carteira sempre bem recheada no bolso fundo trazeiro de sua calça.

Baixinho e gordo, ele era preferido e amado pelas pobres e infelizes "mariposas".

Quando morreu, antes de completar os 60 anos, seu enterro levou ao cemitério dezenas e dezenas de mulheres que choravam um choro triste e sentido.



— Vista parcial do Mercado Público: parte do pavilhão de venda do vigário de S. Raimundo, Padre Carlos Fliir seu padrinho. (Fotografia Atemat: de visceras. Flagrante tomado pelo autor em 1973)

Não deixou nada para a família — sua esposa Coló e seus dois filhos: Raymundo e Mariinha — além da casa onde residia, dada a ele pelo papai, e uma pequena casa de negócio alugada para terceiros e que nunca prosperou.

Todo o seu dinheiro, que ganhou vendendo bucho e que não foi pouco, ele o gastou, segundo seus companheiros de trabalho e de farras, ajudando o Sul América Sport Clube a se firmar como o melhor clube do bairro de São Raymundo e em divertimentos alegres com mulheres.

Já o “bucheiro” — era assim que chamavam os que exerciam a profissão de vendedor de vísceras ou miúdos — Antonio Branquinho, meu pai, esse não era comerciante, e jamais seria, embora tivesse prosperado bastante em seu ofício.

Seu tino aguçado e perspicaz, como que para compensar-lhe a falta de instrução, dava-lhe margem a pensamentos e conselhos de âmbito universal e que nos são úteis até hoje, por onde quer que andemos.

Era um romântico. Um amante das coisas belas e singelas. Participava sempre de grupos folclóricos como “Os Índios” e “Marujadas”.

Frequentava sempre, acompanhado de mamãe, os grandes bailes da Sociedade Beneficente Espanhola, cuja sede era quase pegada à Casa Dias, ao lado do Quartel do 27.º BC; os do Ideal Clube e do Luso.

Guardou, até morrer, há nove anos, uma espada usada por ele nas “marujadas” e um par de “sapatilhas” de veludo que ele calçava especialmente para os bailes de gala. Nessas ocasiões, vestia-se com a melhor correção, usando “smoking” ou “fraque” com calça cinza listrada ou terno completo, isto é, calça, colete e paletó de case-mira ou de linho, para casamentos e outras solenidades.

Era também um homem bom. Uma prova: sempre que sobrava rins, fígado, maricas, tripas, carne-de-cabeça e bucho — e isso era quase todos os dias — ele nos fazia trazer para casa e distribuía aos moradores, na maioria pobres, da Rua da Sede e da Rua São Francisco, com as quais a nossa casa fazia esquina. Dava ainda presentes e mais presentes para os seus incontáveis afilhados, além de dinheiro.

Isso, no entanto, não impediu que nos últimos anos de sua vida, já com mais de oitenta anos, velhinho e esclerosado, mas sempre forte e firme em suas infundáveis andanças por quase todas as ruas do bairro, ele fosse apupado e apedrejado até, por alguns moradores daquelas ruas circunvizinhas à nossa casa.

UMA CASA ASSOBRADADA



— O casal Virgilia-Antonio Nonato dos Santos, pais do autor.

Uma casa assobradada, atrás do Grupo Escolar Olavo Bilac, fazendo esquina com a Rua da Sede.

Era de tijolos, bem construída, com grossas paredes e portas e janelas de madeira trabalhada.

Quando tomei conhecimento de sua existência, lá pelos fins dos anos 20, ali funcionava uma "pharmácia" (a farmácia do "seu" Vieira, o farmacêutico) muito bem montada e guarnecida de-um-tudo.

Lembro-me bem, e até hoje, dos potes de louça estrangeira (inglesas se não me engano), com letras góticas e lindos arabescos, nas prateleiras, guardando os ingredientes para o preparo de remédios, e de dois outros potes de cristal contendo um, um líquido verde, e o outro um líquido vermelho, ladeando o balcão de atendimento.

Essa farmácia, não sei bem dos motivos, foi fechada e depois o prédio foi alugado para residência. Hoje, ele pertence ao meu irmão Aurélio.

Para nós, os moradores da Rua da Sede, a passagem por ali era obrigatória. Eu por lá passava várias vezes, tanto durante o dia como à noite. E, em muitas oportunidades, parei ao lado da enorme janela que dava para a nossa rua, para conversar com o meu amigo Solon, um dos poucos meninos que iam constantemente lá em casa.

Mas, as nossas conversas mais demoradas, sobre literatura ou assuntos outros ligados a nossa imensa curiosidade pelas coisas do mundo, ou ainda discutindo o modo de ser de nossos amigos comuns, aconteciam ali, naquela janela, onde ele se sentava quase todas as noites ou pela tardinha. Tínhamos então dez, doze anos.

Uma das "vítimas" de nossos comentários era o Junot Carlos Frederico (o "nego" Junot, como Solon gostava de chamá-lo).

Foi com Junot que Solon, anos mais tarde (1937), organizou o bloco carnavalesco "Os Magnatas do Amor", juntamente com o Mário Afonso, Zuleide e mais outros rapazes e moças do bairro. O bloco fez muito sucesso, não só em São Raymundo, mas em vários outros clubes da Cidade.

Os pais de Solon, o casal Izabel-Silvinho Guedes Cavalcante, eram paraibanos. Dos filhos do casal — Maria, Ada (uma excelente costureira), Tinóca, Ovídio, Syria, Corina e Alice —, o Solon era o mais novo. Casou-se ele, em Manaus, com uma moça muito bonita,

Salomé, de tradicional família amazonense e irmã do poeta e escritor Alencar e Silva. Solon vive, atualmente, no Rio de Janeiro, como Capitão reformado do Exército, depois de ter servido na campanha do Batalhão Suez.

Esses Guedes Cavalcante, da família do Solon, nada têm a ver com o clã dos Cavalcantes ("seu" Zuza e o "velho" Chato). Eles se entrelaçaram com os Bessas, os Normandos e outras famílias do bairro.

A Syria casou-se com o Octacílio Bessa e, depois, com o "Caquinho", filho do "seu" José Arêia; a Corina, com o Zé Normando; e a Tinóca, com o "seu" Genésio, que tomava conta, ou era sócio, não sei bem, da taberna do "velho" Sitônio.

Outra de nossas "vítimas" era o Aristides Bessa.

Esse, como o Solon, era mais velho que eu e admirado por todos os meninos do bairro, pela sua invulgar inteligência.

Para as professoras do Olavo Bilac e todos os moradores de São Raymundo, o Aristides Bessa era tido como uma espécie de pequeno gênio.

Para nós, os alunos do Olavo Bilac, no nosso pouco conhecimento das coisas da natureza humana, achávamos que sua inteligência era decorrente do fato de possuir uma enorme cabeça em flagrante desproporção ao seu pequeno tamanho.

Era meio gordote e atarracado, o nosso "pequeno gênio".

Por isso, irreverentemente, todos nós o chamávamos de "Fração Imprópria".

RUA ITAMARACÁ E PONTA DO ISMAEL.

Antes, bem antes de meu ingresso, aos onze anos, no Colégio Dom Bosco (em 1934), eu e meu irmão Aurélio já conhecíamos a famosíssima Rua Itamaracá.

À época, essa rua era talvez a mais conhecida de Manaus.

Era ali que se encontravam as mais frequentadas e bem instaladas “casas” ou “pensões” e “cabarés” do internacionalmente famoso meritício da Cidade.

Esses estabelecimentos eram explorados pelas “madames” ou “polacas”, remanescentes da outrora opulenta e faustosa época de ouro da borracha, que vai do fim do século passado até princípios dos anos 20 deste século.

Não, não era que nós a frequentássemos. . .

Tínhamos apenas sete e nove anos de idade!

Acontecia que papai, após sair do Mercado, lá pelas 11h, ou o meio-dia, nos trazia pelas mãos, eu de um lado e Aurélio de outro, em direção ao porto das catráias.

Havia o bonde, é claro, mas papai preferia fazer o longo percurso, debaixo de um sol de rachar, levando-nos a conhecer alguns lugares da Cidade, como o restaurante Central, de um português chamado Lopes, situado numa das ruas ali por traz da Matriz, onde tomávamos uma saborosíssima sopa de massas, ou um succulento caldo de cosido, ou ainda “papas a portuguesa” à base de fubá-de-milho e até hoje nunca esquecidas. Ou então, passando em frente a Matriz e subindo em direção à Praça do 27º Batalhão de Caçadores.

Antes de chegarmos a Matriz havia um ponto obrigatório de parada para o “seu” Antonio Branquinho. Era a Pharmacia Palhano do “seu” Canuto. Sua mulher — isto eu vim a saber muitos anos mais tarde — era uma maranhense por quem Viriato Correia se apaixonara, em São Luiz, quando ainda mocinho, e por isso mesmo mandada pelos pais para Manaus, pois não queriam que sua bela e prendada filha se casasse com um estudante sem emprego e ainda por cima poeta. Os primeiros versos de Viriato Correia foram feitos para ela, a sua Mundi-quinha. O “seu” Canuto Palhano era um dos fregueses mais certos de papai. Ele sempre nos presenteava com balas de tamarindo e bonbons.

Papai costumava também passar pela Rua Barroso, na casa

de seus compadres Doutor Arthur Studart e de Dona Leonizia Studart (ele era filho do Coronel Carlos Studart, dono da Pharmacia Studart; ela, era a única filha do Barão de Studart, do Ceará), padrinhos de batismo de meu irmão Aurélio e fregueses certos de miolos, rins e fígado daquele bem amarelinho. Enquanto papai conversava com eles, nós, eu e Aurélio, brincávamos com o Carlos, a Nyzia e a Zuila, seus filhos.

Outras vezes papai sempre pronto a nos proporcionar ensinamentos, entrava na Rua Itamaracá (a mesma rua de hoje, que começa na Sete de Setembro e termina ao lado do Colégio Dom Bosco), comigo e Aurélio a tiracolo.

Nas enormes janelas e portas, entreabertas, as "raparigas", ou "prostitutas" ou ainda "putas", lá estavam à espera de seus constantes e endinheirados fregueses.

Papai, então, se dirigia a uma ou outra, já sua conhecida do Mercado, e apontando ora para mim, ora para o Aurélio, dizia-lhes: — Ei, você aí. Olha o freguês! Você vai descabaçar esse aqui!

Elas o respondiam com admoestações:

— Crie vergonha, home!

— Respeite seus filhos!

Eu e Aurélio nos entreolhávamos, entre surpresos e um tanto assustados, enquanto "seu" Antonio Branquinho seguia seu caminho, rindo e com um certo ar de triunfo!

Mas, não eram só esses os passeios que papai fazia conosco.

Nos sábados e domingos, ou dias santos e feriados, em que o Mercado não abria, ele saía com toda a família, em esticadas andanças, para passeios ou "pic-nics".

Algumas vezes em direção aos telegrafos, lá pelas bandas da Ponta do Ismael.

Outras, em animados passeios de bonde pela Cidade, indo até a Cachoeirinha ou a Flores.

A Ponta do Ismael era um lugar muito bonito, situado em terreno arenoso, um tanto úmido e muscoso, quase todo cheio de pequenas árvores como araçazeiros, marmeleiros silvestres e plantas rasteiras.

Suas alvas e finíssimas areias contrastando com o verde, ora claro, ora escuro, da vegetação e o colorido de suas flores exóticas, formavam um lindo e aconchegante cenário.

Era daí que muitos dos moradores de São Raymundo e da Cidade levavam boas quantidades de musgo e samambaias para compôr as "lapinhas" de Natal.

Foi nas proximidades desse local que se instalou, no ano de 1913, a primeira Estação dos Telégrafos, em Manaus, financiada pela Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Ainda hoje me lembro do nome de dois telegrafistas que ali trabalhavam: Amáro Lima e Lafayette Cumarú. Frequentavam eles a casa das Pinheiros.

Amáro Lima, pernambucano, casou-se, depois de um noivado de quase ou mais de dez anos, já de casa montada de-um-tudo, com a mais velha e a mais bonita das irmãs Pinheiro, a profa. Alzira (essa foi eleita Miss Amazonas, entre 1925 e 27); o casal não teve filhos.

O Lafayette Cumarú, cearense, por sua vez casou-se com uma portuguesa de nome Maria Emília Moraes (ela e sua irmã mais velha eram freguesas nossas do Mercado) e teve dois filhos: Lafayette e Nilton. O primeiro, Lafayette de Moraes Cumarú, é hoje catedrático em Matemática da Universidade Federal de São Paulo; segundo violino da Philarmônica da mesma Universidade; e detentor de vários cursos de pós-graduação no Chile, nos Estados Unidos e na Alemanha, onde atualmente se encontra. O segundo, Nilton, é advogado militante, em Niteroi, no Estado do Rio de Janeiro.

O "seu" Lafayette, já com os seus oitenta e sete anos, viúvo, e muito bem disposto, ainda hoje vive, em Niteroi, onde se fixou há muitos anos.

O INFERNO DE DANTE

*A Aurora, foi a segunda das irmãs Pinheiro a casar.
O acontecimento foi inédito, para nós os meninos do bairro.
Não foi na igreja, o casamento.*

Na sala de visitas da família, ao lado do piano, armaram um altar de verdade.

*Grandes castiçais de prata e dúzias e dúzias de palmas de an-
gêlicas e lírios, completavam a sua pomposa decoração.*

*O noivo era um paraense de nome Lauro Machado, viúvo e
comandante do SNAPP.*

*O casal, depois de morar na Cidade, veio para o bairro e fixou
residência definitiva numa casa em frente a um largo que ficava à
direita do Grupo Escolar Olavo Bilac, e onde hoje funciona a sede do
Sul América Sport Clube. Logo, o Comandante Lauro Machado fez
vir de São Luiz do Maranhão o seu filho Cauby (da primeira mulher).*

*Eu, como íntimo da família das Pinheiro, era frequentador
assíduo do casal.*

*Possuidor de uma certa cultura e experimentado conhecedor
de outros mundos, o Comandante Lauro Machado tinha a sua boa
biblioteca e aos poucos ia formando a biblioteca de seu filho Cauby,
um menino meio arredio a amizades com os outros meninos do bairro
e parecendo não ter boa saúde física.*

*Pois bem, era nesse ambiente que eu muitas e muitas vezes
me barafustava, durante as tardes fugidas do papai e do matadouro,
devorando livros de viagens, romances, contos, biografias de homens
célebres e os volumes todos do utilíssimo e muito interessante "Tesou-
ro da Juventude", constantes das duas bibliotecas.*

*Quando estas me escapavam, aos sábados e domingos, pela
manhã, ia eu até a casa do Junot Carlos Frederico, um colega de mais
idade que eu, muito inteligente e dado ao hábito de colecionar coisas,
principalmente livros de autores célebres, além das edições "Terra
Mar e Ar", e romances policiais desde Ágatha Christie, Conan Doyle,
e etc.*

*Foi na biblioteca de Junot que tomei conhecimento do "Infer-
no", de Dante.*

I M A G E N S

Uma festa, sim!

O Dia-de-Finados era sempre, para nós — eu, Aurélio, Alayde, Arlette e Aristídes — uma festa.

Iamos cedo, mamãe e nós, os meninos, para a casa de meu tio Chico Velho, irmão de papai, que morava numa das ruas do Boulevard Amazonas, bem perto do Cemitério de São João Baptista, ou “mocó”, como também era conhecido.

Papai chegava já perto do almoço, lá pelo meio-dia.

A mesa grande era arrumada como se fosse para um almoço de aniversário.

A essa altura, nós já havíamos comido muitos cajás, ingás, sorvas, pitangas, marimaris, jambos, bacuris e sapotis.

Havia, no quintal dessa casa de meu tio Chico Velho, uma árvore frutífera que era diferente das outras, como as jaqueiras, as mangueiras e assaizeiros dos quintais vizinhos, em cujos galhos e troncos a gente via papagaios, aráras e pequenos macacos e até preguiças.

Era uma árvore belíssima. Sua folhagem ornamental me fazia lembrar desenhos dos bordados, bicos e rendas que enfeitavam as barras das anáguas de mamãe.

Um de seus frutos, de casca adamescada, salpicada de pequenas lavras avermelhadas — eu vi bem! — se entreabriu diante de meus olhos como se fora uma rosa encantada mostrando dentro de si um tesouro de jóias raras, faiscantes, representadas pelos seus doirados caroços recobertos de transparente polpa, por sobre finíssimo veludo púrpura.

Como que encantado, depois do êxtase daquele singular instante, sai correndo e fui saber de mamãe que fruta era aquela.

— É uma romã, meu filho! Disse-me, carinhosamente.

Aquela imagem de um fruto desabrochando em flor, só para mim, e esse belíssimo e suave nome — Romã — guardo até hoje como uma das mais emocionantes e gratas lembranças de toda a minha vida.

Uma outra imagem que me ficou e que anos mais tarde me serviu para compor um sentido poema-canção, foi a Cachoeira-Grande do Tarumã.

Como era impressionante o cair de suas águas, doiradas pelo

sol, sobre as enormes pedras do rio, lá em baixo, para seguir em seu destino de ir rolando, rolando, sem parar...

Muitas e muitas vezes, papai nos levou até ali em inesquecíveis tardes de domingo.

Vínhamos de canoa até um certo ponto do rio Tarumã e depois seguíamos a-pé, contra a correnteza, por sobre as enormes pedreiras que afloravam em todo o percurso do rio, encachoeirando suas águas, até a Cachoeira-Grande do Tarumã.

E os banhos no igarapé de São Raymundo, na época das cheias?!

Papai e o Chico Branquinho, nos botavam — eu e Aurélio — para dentro da canoa e seguíamos para o meio do igarapé.

Era aí, nessa ocasião, que se dava uma das “brincadeiras-lições” com que papai de vez em quando nos “presenteava”.

Os dois, ele e o Chico, balançavam a canoa até emborcá-la.

O que tínhamos que fazer, e rápido, era sair de debaixo da canoa e, nadando, procurar encostar-nos a ela ou então nadar até a beira do igarapé, a uns 15 a 20 metros.

Com essa “brincadeira” papai queria que aprendêssemos a nos salvar de algum acidente dentro d'água.

É certo que, desde pequenos, nós já havíamos aprendido a nadar.

Faltava-nos, contudo, a experiência necessária para uma ou outra eventualidade.

E era para essas eventualidades que o “seu” Antonio Branquinho nos preparava com todo o cuidado possível.

O JORNAL DO COMMERCIO

Quando entrei para o Grupo Escolar Olavo Bilac, nos meados dos anos 20, já sabia ler e escrever.

Eu e Aurélio, meu irmão.

Papai nos fazia sentar, depois do jantar, no chão da grande sala de visitas, ao lado de sua rede bem baixa, e nos ensinava as letras da cartilha do ABC.

Com uma folha de papel, na qual era feito um furo ao centro, papai perguntava, salteando as letras, a cada um de nós:

— Que letra é esta?

Depois que já tínhamos aprendido o abecedário, ele continuava, usando o mesmo método, a nos mostrar as sílabas da *Asa*, do *Bule*, da *Casa* e da *Uva*, encimadas pelas figuras correspondentes, contidas no Primeiro Livro de Leitura, e assim por diante.

No Olavo Bilac, foram minhas mestras a professora Alzira Pinheiro, as professoras Dona Luizinha Nascimento — que hoje é nome de Praça — e sua irmã Suzette, e ainda Olenka Chouvin, esta muito jovem e de uma beleza que encantava a todos os seus alunos. Das mãos delas saí para o Colégio Dom Bosco, em 1934, sabendo fazer redações, que muitas vezes me valeram a famosa “nota dez com distinção e louvor”, além de já possuir boas noções de história universal e matemática, incluindo frações e raiz-quadrada.

Lembro-me bem de como o “seu” Antônio Branquinho, um cearense analfabeto — como a maioria dos nordestinos que vieram para o Amazonas no chamado período áureo da borracha —, trazido aos quinze anos ou dezesseis anos, para Manaus, por uma sua irmã, a minha tia Joaquina, dona de seringais no interior do Amazonas, nos inculuiu uma das coisas mais importantes para as nossas vidas: o hábito da leitura; para mim e para o meu irmão Aurélio.

Todas as noites, depois das verdadeiras sabatinas que nos impunha com as cartilhas do ABC e de Aritmética e do Primeiro Livro de Leitura, ele “nos obrigava” a ler o *Jornal do Comércio* à época contendo 4 páginas. Este jornal foi fundado, em Manaus, no ano de 1.904 pelo jornalista, escritor e teatrólogo Vicente Reis, pai do professor Arthur Cezar Ferreira Reis, (autor do livro-denúncia “*A Amazônia e a Cobiça Internacional*”).

As matérias do "Jornal do Comércio" eram expostas à maneira dos jornais ingleses, isto é, dispostas seguidamente ao longo das colunas, desde a primeira à última página, registrando as mais recentes notícias locais, do país e do mundo, além do movimento dos portos de Manaus, etc.

Numa noite eu lia a primeira e a segunda páginas; o Aurélio, a terceira e a quarta. Na noite seguinte, ele fazia a troca.

Quando não sabíamos o significado de uma palavra, ele nos dizia, com um ar bonachão e um tanto severo, apontando o dicionário em cima de sua mesa de trabalho:

— Procure aí no "pai-dos-burros".

Ao mesmo tempo que com isso nos inculcava o importantíssimo hábito da leitura, ele que não sabia ler, mas possuidor de uma memória prodigiosa, se dava ao luxo — e disso se orgulhava, diante de seus companheiros de trabalho, também analfabetos como ele, e, dos seus fregueses, na sua maioria funcionários públicos, donos de hotéis ou restaurantes, e pessoas bem qualificadas da sociedade amazonense — de estar a par dos últimos acontecimentos dos portos, dos navios que chegavam e saíam. Da carga que traziam para a Cidade e da que levavam de Manaus para Lisboa, Liverpool e Amsterdam.

Fazia inveja a todos, mostrando os seus conhecimentos e fazendo questão de demonstrar que estava a par do que se passa na Cidade, no país e no exterior!

Até eu! . . .

Até eu o olhava com olhares de admiração!

OS NONATO DOS SANTOS

Falei de meu pai e citei sua irmã, a minha tia Joaquina Nonato dos Santos.

Falei de um outro seu irmão, o meu tio Chico Velho (Francisco Nonato dos Santos).

Havia ainda, em Manaus, um outro seu irmão, o meu tio Manoel Nonato dos Santos.

Como vieram eles — o meu tio Chico Velho e meu tio Manoel Nonato — parar em Manaus, eu não sei.

Trabalhavam no Mercado e no Matadouro, com negócios de venda de miúdos-de-boi.

Bucheiros também, portanto.

O meu tio Manoel Nonato, era um homem alto e meio corpulento.

Criança ainda, eu tinha receio de me aproximar dele, tanto na sua banca de miúdos, como nas vezes em que ele ia lá em casa, por ocasião das festas de São Raymundo e de São Francisco.

O motivo era por ele ter matado, em legítima defesa, um homem lá no "curri", por questões ligadas aos negócios de miúdos.

Ele, com sua mulher, a minha tia Otília, uma maranhense, baixinha e gorda, de voz um tanto anasalada e rouquenha, moravam na Cidade, na Rua Ferreira Pena.

Eu gostava de ir lá, com papai, visitá-los.

Tia Otília fazia sempre, com extremos requintes, as comidas regionais do Maranhão com o vatapá — bem diferente do baiano, isto é, sem os excessos de óleo e de peixes, apenas dendê, leite-de-côco e camarão —, a fritada-de-camarão ou "frigideira", o arroz-de-cuxá e o tarurú.

Sua conversação também era diferente das outras amigas de mamãe.

Ela nos contava histórias engraçadas e casos incríveis.

Era uma mulher inteligente e dada a intermináveis leituras. Com isso fugia da solidão em que vivia, pois não tivera filhos e meu tio vivia de-mal com ela há muitos anos.

Não me lembro de nenhum diálogo mantido com ele, ou dele com a mamãe. Com o papai, ele conversava, mas sempre longe de nossa presença.

Minha tia Joaquina era uma mulher extranhíssima e avassala-

dora. Uma autêntica representante do matriarcado que dominou boa parte do Brasil até os primeiros decênios deste século.

Era ela uma mulher forte, não só fisicamente mas de caráter, tinha uma boa altura e sua pele era muito branca e bem corada, lembrando as mulheres holandesas.

Saiu de Fortaleza, no Ceará, onde nasceu, para o Amazonas, com o marido e seis filhos: Maria, Laura, Aurora, Afonso e José Dário. Arrastou também com ela o seu irmão mais novo, Antonio (meu pai), então com quinze ou dezesseis anos.

Além de muito falante e arrogante, era uma mulher de posses, pois carregava sempre com ela uma certa criadagem, sem contar com aquele seu irmão que, segundo testemunho do mesmo, era obrigado a carregar água do rio para o banho de suas filhas, criadas e tratadas com todos os requintes.

De Manaus, ela comandava os negócios de seus seringais no vale do Purús e no Acre.

Com o tempo e a chegada de novos retirantes, além de experimentados e bem qualificados negociantes, dando maior impulso à exploração da borracha, ela foi perdendo seus seringais, vendendo-os por quase nada. Seu marido morrera já havia bastante tempo, lá pelo interior do Amazonas.

Ela morreu em Manaus, no fim dos anos 30.

Sua filha mais velha, a Maria Nonato, voltou para Fortaleza. Morou até fins de 1950, com o marido e três filhos, numa casa de tijolos em meio a um grande terreno próprio, no bairro de Aldeota.

Outra sua filha, a Aurora, no fim dos anos 20, morava numa casa ao lado da rua Xavier de Mendonça, esquina com a rua Comendador Alexandre Amorim.

Era uma bonita mulher, mas muito nervosa e um tanto perturbada. Vivía às turras com o marido. Muitas vezes, eu, muito menino ainda, ouvia ela praquejar o marido e ameaçá-lo:

— Ainda te meto um cimitoêsse na barriga. Tu vais ver!

Eu ficava intrigado com aquele cimitoêsse. A estranha frase me ficou na mente, até muitos anos depois.

Um dia, em São Paulo, observando uma coleção de armas de um amigo paraense, Doutor Pinto de Castro, delegado de Polícia do Estado, li a inscrição da marca de um dos revólveres: Smyth-O.S. Ali estava a chave da estranha frase que eu ouvira de minha prima Aurora. E, de fato, ela cumpriu a ameaça, pois numa de suas viagens pelo interior do Amazonas ela matara o marido, dando-lhe um tiro na barriga.

A Laura, essa foi para Belém do Pará, onde se casou com um português, o "seu" Rosas. Lá criou o irmão mais novo, o José Dário, que hoje vive, com a mulher e três filhas, em Brasília.

Com a morte do "seu" Rosas, no início dos anos 50, a Laura o substituiu na cabine de um dos cinemas de Belém. Foi a primeira

mulher a exercer a função de operadora de cinema, no Brasil. Hoje aposentada, ainda vive ela na Capital paraense.

O Afonso, o quarto filho de minha tia Joaquina, esse era um outro tipo exótico e paranóico. Vivia sempre lá em casa, para desespero e gozo nosso.

Desespero porque, já rapaz feito, ele de vez em quando subia nas árvores do nosso quintal e lá ficava horas e horas. Papai mandava-o descer e ele respondia que estava conversando com Nossa Senhora. Ameaçava-o depois com pancadas, mas nada dele descer dali. Nós, eu e Aurélio, Alayde e Arlette, ficávamos apavorados. Mamãe, muito assustada, pedia que o deixasse ali, pois não estava fazendo mal a ninguém.

Gozo porque era muito divertido ouvir o Afonso — um rapaz de boa estatura, de bonitas feições, meio alourado e muito branco — contar suas viagens mirabolantes e fantásticas pelo mundo afora.

Falar de seus encontros com o “Rei da Espanha” e outros personagens alimentados pela sua fértil imaginação como o “Rei do Petróleo”, o “Rei do Congo”, o “Rei do Café” e a “Rainha da Inglaterra”.

Lia muito, o nosso primo Afonso! Lia e depois relatava, para os seus possíveis e corajosos ouvintes, as estórias ou fatos que havia lido, com suas próprias palavras e acréscimos rebuscados e brilhantes, tornando-os ainda mais interessantes.

Para nós, no entanto, o Afonso já não mais impressionava.

Quando ele se aproximava da gente querendo conversar e contar suas estórias, nós nos escapávamos de mansinho.

A única que não conseguia fugir dele, por medo, era a Arlette. Ela temia que ele a agredisse. E por isso a coitada sofria horas angustiantes e intermináveis.

O sonhador Afonso, que nem de longe se apercebia que ela o escutava apavorada, dizia para nós, com um indisfarçável tom de lamento:

— Vocês não são inteligentes!

— Aqui, a única educada e inteligente é a prima Arlette.

E assim viveu o Afonso, até ser internado no Hospício da Cidade, onde chegou, anos mais tarde, para espanto meu, a ser um de seus administradores. Morreu ali, nos fins dos anos 60

O SULÃO

Um movimento de revolta de jovens atletas e entusiastas de futebol perturbou a pacata vida social do bairro de São Raymundo, lá pelos meados de 1932.

Não se conformavam com a pasmaceira e inoperância do único clube ali existente: o São Raymundo Sport Clube.

Não lhes restava outra alternativa.

Criar um novo clube, era preciso.

Um clube sem influências de quem não entendesse de futebol.

Um clube só deles, atletas e jovens, com nova mentalidade.

E foi o que fizeram.

No dia 1º de maio de 1932, nascia para uma trajetória brilhante e vitoriosa, o Sul América Sport Club.

Seus fundadores foram o Raymundo Verçosa, o Chico Branquinho (meu irmão mais velho Francisco Nonato dos Santos); o Niccanor Costa, o Valter Vieira, o Muliquin, o Ildelbrando Senna, o José Pontes, o José Normando, o Porfírio Jacinto, o Antonio Honorato, o Pedro Bernardino, o Dogival de Almeida Sales, o Joias Corrêa Lima, o Agostinho Corrêa Lima, o André Jobin, o Raymundo Moraes, o Osmar Ennes, o Luiz Pontes e outros.

A primeira bandeira desse novo clube eu vi ser, carinhosa e cuidadosamente bordada a mão pela Coló, a noiva de meu irmão Chico Branquinho, e sua irmã Nêna, na casa em que moravam e que ficava bem defronte ao único campo de futebol do bairro, lá pelas bandas da ladeira-da-goela.

Lembro-me bem de uma feita em que fomos jogar no Educandos com um clube local.

Era tempo de cheia e fomos numa lancha alugada especialmente para o acontecimento.

A lancha encheu-se de uma torcida onde predominava a gente jovem, moças e rapazes, e a meninada, disposta a trazer a vitória a qualquer preço contra o inimigo.

Era mais uma batalha entre os dois bairros, que se rivalizavam. Não podíamos perder!

De placar, não me recordo.

O que sei é que saímos do campo do Educandos às correiras.

Eu agarrado ao mastro, ostentando a bandeira do Sul América,

por duas vezes levei tombos e pedradas dos torcedores e moradores do Educandos, na desenfreada volta a lancha que nos esperava num dos barrancos. A Coló e a Nêna, a meu lado, na qualidade de guardiãs morais do "pavilhão" do Sulão, juntamente com outras jovens, formavam como que um círculo ao redor de mim.

Sei também que voltamos vitoriosos!

Vitoriosos e orgulhosos do nosso Sul América Sport Club!

Orgulhosos do nosso Sulão.

INQUIETAÇÕES

“Tomei um livro — a Bíblia; li estas palavras de Cristo a Pedro, estas palavras que nunca mais esqueceria: Agora tu cinges a tua túnica e vais onde queres ir; mas quando fores velho, estenderás as mãos . . . Estenderás as mãos . . .”

ANDRÉ GIDE

Nos meus 10, 12 anos, eu já era uma criatura cheia de inquietações...

... e muito dado a aventura.

Papai nos trazia muito presos ao seu humilde, acanhado, mas honesto e firme negócio de miúdos.

O "virar-tripas" lá no curri.

O tirar o limo das mesmas, esfregando-as com os pés na serragem.

O soprar com a boca, enchê-las de ar.

O esperar vê-las secar, para depois vendê-las aos fazedores de linguça.

O carregar na cabeça os caixotes de miúdos mal cheirosos para o Mercado.

O ajudar a vender bucho, fígado, coração, bofe, rins, marícas, carne-de-cabeça, sebo, miolos e mocotós, a uma freguesia faminta e sem dinheiro para comprar o que comer.

O convívio indesejável mas obrigatório com toda a sorte de gente, com as quais eu não tinha a menor afinidade.

Esse, o pequeno e restrito mundo que me esperava!

Era quando eu pensava inquietantes pensamentos e muitas e muitas vezes dizia eu de mim para mim mesmo:

— Será que eu vou morrer sem nunca ter saído daqui?...

... os meus sonhos à beira do igarapé,
sonhados ao cair-da-tarde.

ou nas noites quentes,

nos degraus da grande calçada
ao lado do porto-das-catraias,
misturados e confundidos

com os sonhos

do Dióla, do Higino, do Nêno,

e dos outros meninos...

... as aulas de piano,

às escondidas de meu pai...

... o meu ingresso no Dom Bosco

e o novo convívio

com os meninos da Cidade...

... Tudo isso era tão precário, impreciso e fora de propósito, diante de sua firme resolução de me tornar um "bucheiro" igual a ele e seus outros companheiros.

Tudo o que me fazia desabafar uma contrariedade, uma tristeza, chorar mágoas — que já àquela época eram muitas — me era proibido. Tanto por papai como por mamãe.

Não, não era só deles essa atuação opressiva, e sim de todos os pais de então.

— Homem não chora!

— Homem não isso!

— Homem não aquilo!

— Homem não aquilo outro!

... era o que sempre diziam, sem perderem uma única oportunidade.

Levei uma bruta surra, quando papai descobriu que eu estava estudando piano.

— Que vergonha! Isso não é prá homem! Foi o que ele me disse.

Como se isso não bastasse, algum tempo mais tarde, depois de muita insistência minha, o "seu" Antonio Branquinho me fez acompanhá-lo a um leilão de móveis e utensílios, na residência do químico (contratado na Alemanha) da fábrica de cerveja Miranda Corrêa, para arrematar um piano.

Fui alegre e contente, e pensei:

— Vou realizar um de meus sonhos. Vou tocar piano igual a uma grande pianista!

Triste ilusão!

Entramos no requintado salão da residência do químico. Assistimos o arremate de vários objetos. Eu, ao lado de papai. Ele, segurando uma das minhas mãos.

Quando chegou a vez do piano, enchi-me de alegria e nervosismo.

— É agora! Disse eu.

Houve o primeiro lance. Houve o segundo. O terceiro. E o último...

O leiloeiro bateu com o martelo na mesa e gritou:

— Vendido.

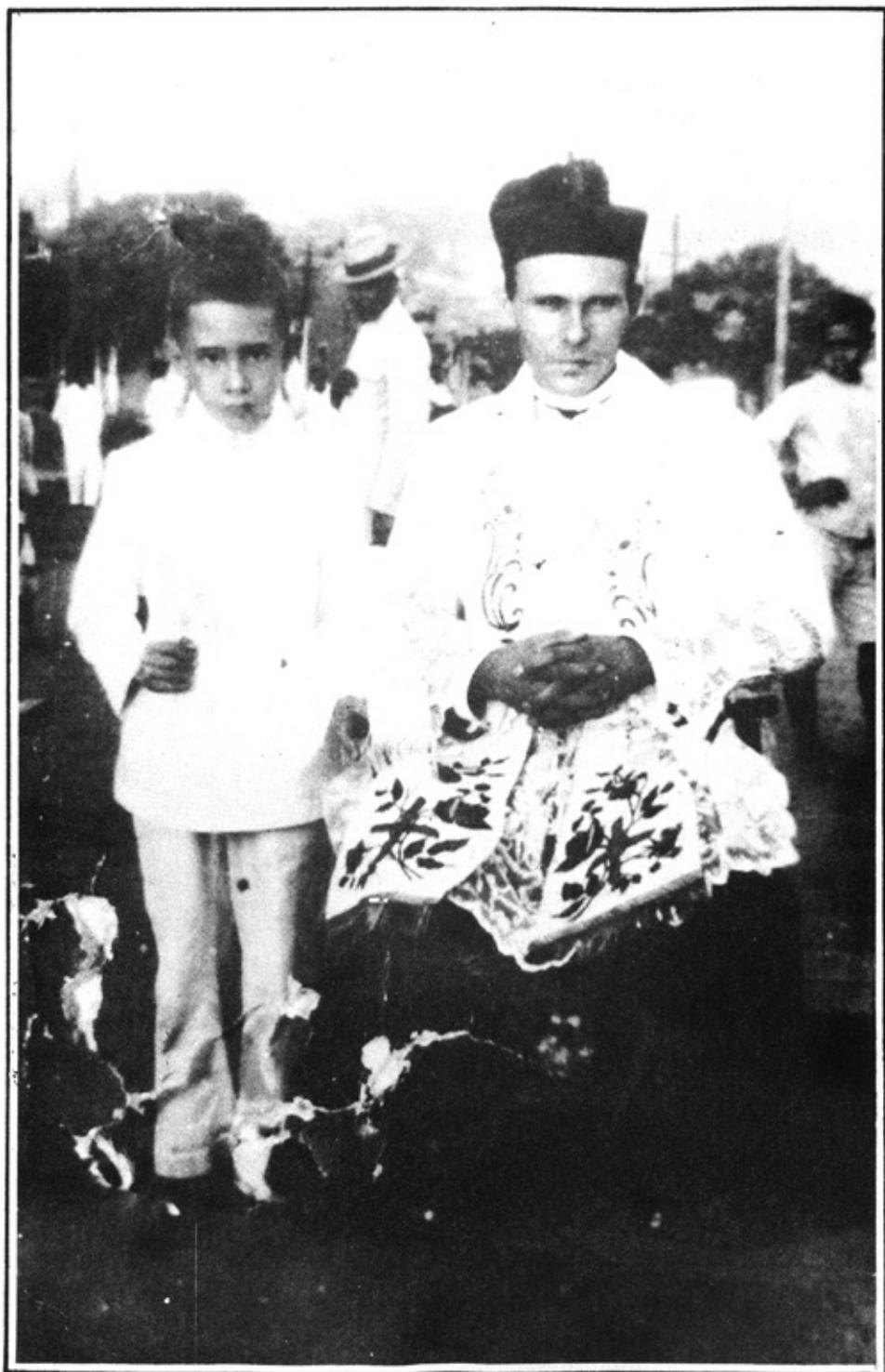
Ele, o "seu" Antonio Branquinho não deu um lance sequer.

Entramos e saímos do tal leilão sem darmos uma palavra um com o outro.

Foi essa a pior humilhação que ele pôde me dar, por ter tido eu o "desplante" de querer continuar a estudar piano.

Para mim, isso foi pior que a surra que levei quando ele descobriu aquele meu "pecado".

O que, algumas vezes, me salvava um pouco daquele estreito



— *O autor quando de sua Crisma, aos 10 anos de idade, ao lado do vigário de S. Raimundo, Padre Carlos Fhür seu padrinho.*

e não querido mundo a que eu estava destinado, era o tempo de férias escolares.

Era quando papai deixava que eu fosse, com as filhas de minha madrinha Dos Anjos, as três mais novas das Pinheiro — Ádayr, Aglayr e Anadyr —, passar alguns dias no Careiro ou Cambixe.

Ou quando eu sismava de acompanhar o “seu” Estandelau em suas idas ao interior.

*NO MEIO DA MATA
OU
CONVITE A VIDA*

Era tempo de cheia do Rio Negro.

No fundo da casa do "seu" Estandelau, o batelão já estava preparado para mais uma de suas idas ao interior. A viagem era para cortar madeira, fazer carvão, colher piaçava, e "cortar" balata.

Saimôs, nos primeiros alhores da manhã, para a demorada estadia longe daqueles meus tormentos.

Era uma tregua de quinze a vinte dias.

O "seu" Estandelau levava em seu batelão mantimentos como carne seca, arroz, feijão, banha de porco, farinha, pirarucu e tambaqui secos, além de pratos, canecos, talheres, facões, terçados e outros apetrechos próprios para as diferentes atividades que se propunha a realizar, e ainda velas de sebo e estearina e querosene

Eram, ao todo, uns sete a oito homens, todos já de meia-idade, incluindo o "seu" Estandelau e eu. Viajávamos um-dia-e-meio ou dois dias, dependendo do tempo, subindo a margem esquerda do Rio Negro, até chegarmos ao local já predeterminado.

Daí subíamos para a terra firme, abrindo "estrada" na floresta até encontrar local propício para abrir uma clareira. Encontrado o mesmo, a primeira providência era armar a barraca, a uns dois a três metros acima do solo, aproveitando os altos troncos e galhos das grandes árvores, de modo a estarmos a salvo das onças e outros animais selvagens.

Feito isso, uns tratavam da limpeza do terreno para cavar a "caieira", e, os outros, cortavam a madeira para a feitura do carvão.

Madeira cortada e arrumada, tocavam fogo na "caieira" e cobriam a mesma com folhas e terra. A queima durava dias.

Enquanto isso, aproveitavam o tempo disponível para "cortar" balata e colher piaçava.

Em todos esses afazeres eu colaborava.

O "seu" Estandelau, ou o compadre Estandelau, como eu também o chamava (já era eu padrinho de um de seus filhos: o Américo), sempre me dizia:

— "Cumpade" Áuro — ou Aurinho — o "sinhô" não precisa fazer isso. Não é serviço prá vosmicê.

Mas eu não o ouvia. Participava de todos os afazeres e atividades do grupo.

Com eles aprendi a fazer o "corte" e usar a "tigelinha" para a

extração do látex e, como se fazia a defumação para a sua coagulação e feitura da "pela".

Na verdade, eu, com os meus doze, treze anos, tinha uma participação um tanto relativa, principalmente no cortar as árvores para a obtenção da madeira e nos trabalhos de escavação e preparo para "caieira".

O que eu fazia mesmo, e muito bem, era observar tudo.

... a maneira como eles agiam em todas as atividades.

... o modo cuidadoso como pisavam e andavam naquele chão afogado pelos galhos e folhas secas e apodrecidas, sempre úmido e cheio de perigosas surpresas, atravessando um constante emaranhado de cipós e folhagens, durante suas idas para os trabalhos do "corte" de balata e a extração da piaçava.

... a procura de um local, no meio da densa mata, onde estivesse o maior número de balateiras.

... a maneira como faziam os "cortes" nos troncos das mesmas.

... o modo como seguravam a "tigelinha" e prendiam-nas junto ao tronco da árvore da balata e logo no final de cada "corte". E a retirada delas, assim que estivessem cheias.

... como eles subiam até o alto das enormes palmeiras de piaçava, ou piaçaba, e ali colhiam montes e montes de fibras, de um vermelho-escuro, e de grande resistência, formando rolos e mais rolos.

E depois a caminhada, pelos mesmos lugares onde haviam deixado sinais de fácil reconhecimento, todos muito cansados, mas sempre alegres e atentos, de volta ao "tapiri" ou barraca, bem antes de começar o cair-da-tarde.

Os almoços eram feitos, mais ou menos antes do meio-dia, no local onde o grupo se encontrasse trabalhando. Comíamos pirarucu ou tambaqui assado na brasa, com pirão-d'água ou de leite-de-castanha.

Os jantares, porém, eram feitos na clareira aberta abaixo do tapiri, aproveitando sempre as caças — queixadas, veados, mutuns, jabutis e até capivaras — que conseguíamos durante as idas e vindas por entre as matas.

Depois do cafezinho com bolachas, e antes que chagasse a noite, subíamos para o tapiri, pois com o anoitecer havia sempre o perigo da aproximação de onças, cobras e outros animais perigosos.

As conversas e os "causos" contados, durante as refeições, por quase todos os participantes do grupo e especialmente pelo compadre Estandelau, constituíam sempre, para mim particularmente, a parte mais curiosa e divertida de toda aquela minha proveitosa aventura pelas matas do alto Rio Negro.

Outra coisa que me impressionou bastante, foi a descoberta, pelo "seu" Estandelau, de um pequeno castanhal nativo, quando pela primeira vez vi os frutos, ou "ouriços", pesando mais ou menos um

quilo, que caíam do alto das enormes castanheiras. Nos quais, depois de quebrados, de modo todo especial e com grande mesria por dois dos componentes do grupo, pude observar as sementes ou castanhas (em número de 15 a 24 e medindo de 4 a 7 centímetros) dispostas artisticamente pela natureza.

Foi uma revelação maravilhosa!

Já deitado em minha rede, ao lado da rede do compadre Estandelau eu ficava rememorando os acontecimentos do dia.

Minha mente — aguçada pelos ruidos do andar ou do arrastar-se dos animais e de seus gritos lancinantes nas matas que circundavam o tapiri — fervilhava, imaginando mil coisas como os perigos da aproximação de alguma onça ou gato maracajá farejando no ar alguma presa. Ou antevendo cobras imensas subindo pelas árvores e ameaçando introduzirem-se no tapiri para nos picar, ou morder, mortalmente.

Tudo isso me trazia uma sensação de pavor e mistério nunca dantes pressentida.

Os arrepios se multiplicavam, todas as noites, aumentando de muito a minha sensibilidade.

Por fim, já cansado dos labores de um dia agitado e exausto de tantas sensações, ia aos poucos adormecendo até cair num sono só, até o amanhecer de um novo dia cheio de novas aventuras.

... o amanhecer, no meio da mata, era como se fosse a execução de uma sinfonia, tais os diferenciados e harmoniosos sons emanados dos gritos, gorgeios e cantares das centenas de aves que nos circundavam.

O ar puro e refrescante era um convite a vida!!!

Com o corpo, o espírito e a sensibilidade enriquecidos por tantas experiências e sensações excitantes, voltava eu, depois de alguns dias — que para mim significavam um tempo mágico —, para a minha casa, em São Raimundo; para aquele pequeno e restrito mundo que meu pai preparava para mim.

Meu espírito de aventura,

porém,

se ia desenvolvendo...

mais e mais...

Minhas ânsias...

Meus sonhos...

e propósitos...

... de conhecer outros e novos mundos...

começavam a adquirir

novos contornos...

e renovadas forças.

**ATÉ AQUI
O TEXTO PREMIADO
PELA
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
(PRÊMIO OSVALDO ORICO/82)**

O DIOLA E O CARAPANÁ

Nas minhas recentes andanças pelas ruas de São Raymundo, onde quando todas as vezes que venho a Manaus passo uma boa temporada, como hospede de meu irmão Aristides, na Rua 5 de Setembro, 297, encontrei o Diola — um dos meninos do bairro e amigo de infância, citado no meu livro “Os Bucheiros” — Um memorial de infância — , hoje um senhor de seus setenta anos.

Casado com Dona Josefa, Diola ou Jurandyr Ramos de Moraes, tem uma numerosa e bem constituída família. Seus cinco filhos, três mulheres e dois homens, são todos formados: Juracy, professora do 2.º grau, formada na Faculdade de Filosofia da Universidade do Amazonas; Janete, professora do 2.º grau, formada na Faculdade de Letras da Universidade do Amazonas; José, engenheiro mecânico; Janice, professora do 1.º grau; e Jorge, professor formado na Faculdade de Pedagogia. As duas primeiras mantêm o Centro Educacional Mônica, para crianças, no térreo de uma casa assobradada onde reside o Diola e sua família acrescida de vários netos.

Em divertida palestra que mantivemos, num dos últimos sábados, Dona Josefa, Diola e eu estivemos avivendo o nosso tempo de meninos, lá pelos idos dos anos trinta, quando passávamos quase todas as tardes brincando à beira do porto-das-catraias.

Dos catraeiros ainda conseguimos, Diola e eu, lembrar os nomes de alguns como: o Duro, o Manduca; o Torquato; o Braz; o Elias — o catraeiro; o velho Chagas, pai do Enéas Cavalcante, afilhado de batismo de meus pais; o Chegadinha; o Cururu; o João Baú; o Prá-que-vê, (estes três últimos por mim já citados em “Os Bucheiros”); o Zé Pontaria; o Samuel; o Boca de Jóia; o Flandeiro; o Mário Taco; e o Camilo.

Conseguimos, após alguns esforços de memória, Diola, eu e mais o Juquita e Xilóca, lembrar ainda do nome de algumas catraias Estrela da Manhã, Sertaneja, Cisne Negro (a do Samuel), Sergipana, Tip-Top, (a do Tip-Top), Nina e Souza.

Relembramos também o conhecidíssimo e afamado Caparanã que marcou época, não só no bairro de São Raymundo mas em toda Manaus.

Alto, elegante, bem educado, e apreciado seresteiro, o Carapanã tinha ares de um verdadeiro gentleman (sempre gostava de declamar versos de nossos melhores poetas para as jovens donzelas). Frequentava os melhores salões de festas da Cidade e a todos admirava com os seus passos de danças à moda dos dançarinos europeus do início do século.

Era, o nosso Carapanã, irmão de um abastado comerciante da praça de Manaus (tido como um homem culto e inteligente), por nome Salatiel de Carvalho, funcionário dos Correios. Deste, contam-se muitas estórias; uma delas diz que ele ficou rico, lá pelos idos de 1935 ou 1936; quando ganhou 200 (duzentos) contos de reis num prêmio da Loteria Federal. Foi ao mesmo tempo um inveterado colecionador e criou fama a sua coleção de passarinhos ou passarinhada, como se dizia na época.

O nome de Carapanã, casado com Dona Maria da Conceição, que morava no fim da Rua São Francisco, que fazia esquina com a casa onde nasci, na Rua de Sede, era Olympio de Carvalho, pai do Odry de Carvalho e do advogado Oldeney de Carvalho, que num dos últimos governos do Amazonas ocupou o Cargo de Secretário de Estado de Interior e Justiça. Acima de tudo, o Carapanã era um homem de espírito invulgar e brincalhão. Pela época das celebrações de Aleluia, ele era quem comandava a brincadeira da serração-da-velha: e quem, principalmente, escolhia as suas vítimas em comum acordo com os outros moradores do bairro.

Bem que o nosso Carapanã o Olympio de Carvalho — uma figura singular, humana, e de um coração à flor-da-pele — merecia uma homenagem da Cidade e do bairro de São Raymundo.

COLÉGIO DOM BOSCO / 1934

Ter colegas de classe nomes como os de Agesiláu Souza de Araujo, Cosme Ferreira Sá Antunes, Alberto Benaion, Carlos Franco de Sá Santoro, Dalmir José Camara e Alfredo de Jacaúna Pinheiro, foi um dos privilégios que eu, um simplório filho de bucheiro de São Raymundo, tive no Colégio Dom Bosco, aos 13 anos de idade, ao cursar, na turma A, em 1934, a Primeira Série do Curso Fundamental, ou seja, o Primeiro Ano Ginásial. O qual, considerando-se o grau de ensino, público ou particular, em Manaus, àquela época, equivalia hoje ao término do Segundo Grau; se não mais! Basta observar as barbaridades que se constataam, atualmente, nos meios universitários, não só do Amazonas, mas de todo o país.

Lembro-me bem que os nossos professores, Augusto de Rezende Rocha e João Nogueira da Mata, de português, eram mestres ilustres e respeitáveis. Cordatos mas exigentes, nas horas das provas, fossem escritas ou orais. As maiores notas, 100, raríssimas, eram dadas sempre a Cosme Ferreira Sá Antunes e a Carlos Franco de Sá Santoro. Logo depois vinham as notas de 70, as quais muitas vezes conquistei.

Naquele ano de 1934 creio que o Colégio Dom Bosco reuniu o maior número de discípulos no Primeiro Ano Ginásial: cento e vinte e seis alunos.

Entre eles constavam Plínio Ramos Coelho, que foi Governador do Estado; Venâncio Igreja Lopes, que foi Senador da República; Joaquim Igrejas Lopes, que foi Superintendente da Suframa e hoje presidente da Siderama; Raymundo Nonato Pinheiro Filho, sacerdote e intelectual de grande nomeada; João Mendonça Furtado, Presidente da Federação das Indústrias do Amazonas; Wanderley Normando, que foi Secretário Geral do Ministério da Educ. e Cultura, na gestão do Ministro Jarbas Passarinho; Moacyr Bandeira Xavier, Wilson Zuany de Figueiredo, Akel Nicolau Akel, Silvério José Nery Neto, José Thomaz de Miranda Leão, Paulo Ramos Coelho, Ruy Galvão Bivar e Helgino Maquiné Pinto de Almeida.

Tivemos muito bons professores, além de Augusto de Rezende Rocha e João Nogueira da Mata. Eram eles, o Pe. Stélio D'Alisson, Pe. Lourenço Gatti e Pe. Agostinho.

Como colegas de classe — Turma A — tive ainda os seguintes: Anibal Garcia, Alonso Pinto de Mesquita, Antonio Barbosa Gesta Filho, Aristóteles Beleza de Melo, Abrahim Calil Appes, Chrisyppo Neves Baptista, Armando Rodrigues Conde, Clemente Andrade Simões, Altino Nascimento Teixeira, Altamirando Mundim Coelho, Antonio José da Cunha, Carlos Medeiros de Andrade, Benjamim de Leiros Garcia, David Augusto Ferreira, Archeláu Bandeira Peret, Carlos Pingarilho Lambeck, Clovis Carneiro dos Santos, Alzir da Silva Aquino, Clovis Lemos de Aguiar, Alberto da Fonseca Ferreira, Cláudio Lemos de Aguiar, Alexandre Carvalho Pimenta, Daphnis Ferreira Souto, Acácio Monteiro de Lacerda, Assen Zalfa, Armindo Rodrigues Rabelo, Akel Nicolau Akel, Anuar Almeida Mamede, Alcimar Guimarães Pinheiro e Celestino Frignani.

DONINHA

— Uma doida; diziam algumas pessoas.

— Ela é doida, mas ninguém a engana quando se trata de dinheiro; afirmavam outras.

Doninha; este era o seu nome.

Poderia ter quarenta anos ou cinquenta. Talvez nem ela mesma soubesse o dia e o ano em que nascera. Vestia-se, normalmente, como pobre que era...

... saías longas e blusas soltas de chita estampada.

Seus cabelos, em abundância, ora quedavam-se soltos, ora presos em tranças trabalhadas com esmero e arte.

Morava a Doninha, ali pelos lados de uma cachoeira, ao fim do igarapé de São Raymundo. Seu casebre de madeira e taipa, ficava no meio de um grande terreno fechado por cercas de velhas estacas de madeira. Ali haviam goiabeiras, araçazeiros, abieiros, mangueiras e uma infinidade de outras árvores frutíferas.

Mas a grande atração, para a menina do bairro, principalmente quando em época do igarapé seco, eram os copados marmeleiros silvestres, os frondosos juazeiros e os maracujás peroba.

Vivia a doida, sozinha, naquele casebre, sem família e sem companheiro.

A nós, o Dióla, o Manteiga, o Facadinha, filho de João Baú, o Neno, filho do "cumpade" Estandelau, o Agenor, filho do "velho" Thiago, o Solon, o Junot, filho da Dona Leó, e ~~duas~~ ^{as} meninas do bairro como a Lourdes Macêdo, irmã do Raimundo Macêdo, as minhas irmãs Alayde e Arlette, a Das Neves, a Cidália, a Loló e Amadina, filhas do "velho" Zuza, e outras, nunca interessou saber de onde Doninha tinha vindo, qual a sua idade e outros detalhes que aos adultos provocam mórbidas curiosidades.

Todos nós sabíamos, isto sim, que ela atirava pedras e pedras certas ou aticava os cachorros contra a gente, quando nos presentia invadindo os seus domínios para roubar-lhes as inigualáveis frutinhas dos marmeleiros, os inefáveis marmelos (no interior amazense, segundo Raimundo Gualberto, um valente caboco do Rio Preto, acima de Barcelos, filho de índia com nordestino, essas frutas são conhecidas como sirueta), os agri doces araçás, as deliciosas pi-

tangas maduras, os enormes maracujás peróba ou arrancar pequenos galhos dos juazeiros cheios de frutos para sorvê-los voluptuosamente ou tirar-lhes as folhas, as quais, depois de enroladas à maneira de charuto, agiam como um refrescante remédio para limpar, alvejar e fortalecer os dentes, graças a sua generosa e branca espuma miraculosa.

Aos moradores do bairro, Doninha se apresentava como exigente pedinte de retalhos de chita ou, preferentemente, de seda, com os quais criava bonecas-de-pano ou bruxas; verdadeiras obras de excelente artesanato.

Não só no vestir as suas criaturinhas com modelos criativos e originais habilmente executados, de fazer inveja às exímias costureiras, que Doninha era admirada no bairro e na Cidade, onde vendia o produto de seu não muito rendoso trabalho, mas, principalmente, na verossimelhança com verdadeiras criaturas humanas que aplicava em suas bonecas-de-pano, tal a perfeição plástica que imprimia na modelagem de suas mãozinhas, seus narizes, olhos e bocas.

Sempre às tardinhas de sol ameno...

*... lá ia Doninha,
não mais a doida...*

*... pelas ruas do bairro,
com sua grande cêsta de palhinha trançada,
espalhando beleza e encanto...*

*... através de suas delicadas bonecas-de-pano...
...atraindo crianças e adultos.*

SÃO RAYMUNDO NONATO, O BAIRRO

Não há, ao que se saiba, documentação particular ou legal que confirme a origem da formação do Bairro de São Raymundo Nonnato.

Há porém, uma variedade de estórias e versões atribuídas a antigos moradores. Contudo, a mais difundida é esta:

— A área que veio a se denominar Bairro de São Raymundo Nonnato foi doada, em 1849, pelo Governo, à Diocese, na pessoa do Bispo D Lourenço da Costa Aguiar, para que ali fosse construído um Seminário.

Todos os que nos seus terrenos construíam casas, pagavam (e ainda hoje pagam) boa importância por mês a título de "Fóros da Igreja".

Durante trinta anos, foi administrador e cobrador, em nome da Diocese, o sr. Belmiro Bernardo da Costa (nascido em 18/5/1880 e falecido em 7/5/1953).

No período que vai do ano de 1860 a 1870, já ali residiam as famílias dos senhores João Caboclo, um espécie de "Chefe", Manoel Salgado, português, pescador; José Olímpio, embarcadiço; e Lucas, talhador.

A uma certa distância de suas pequenas casas construíam um depósito-de-lenha para o abastecimento de navios. O local passou a ser conhecido como Depósito.

Posteriormente, vindo do Ceará, os filhos do casal Bernardino de Sena-Cândida Maria Anunciação, também ali construíam suas casas, à beira-do-rio.

Nessa época, da parte que hoje é denominada Rua Boa Vista para cima, toda a área do Bairro de São Raymundo Nonnato, era uma densa floresta, onde a caça aos animais era grandemente praticada.

Em 1877, veio do Ceará o próprio Bernardino de Sena com a mulher e mais uma outra filha, Luzia, falecida no bairro, em 1938, com noventa e oito anos.

Aos poucos ia crescendo a população.

Bernardino de Sena, católico fervoroso, logo conseguiu que sacerdotes para ali fossem celebrar missas.

Dentre os sacerdotes atraídos para o local, destacou-se um jovem padre, recém-ordenado, de nome Raimundo Amâncio de Miranda, nascido no município amazonense de Maués, em 31 de dezembro de 1848.

Foi esse padre Raimundo Amâncio de Miranda quem levou, em 1879, para o local, uma imagem de São Raymundo Nonnato, de 40 centímetros, e que passou a ser colocada no centro do altar durante as celebrações das missas e festas religiosas.

Ao deixar de frequentar o local, o padre Raimundo Amâncio de Miranda confiou a imagem de São Raymundo Nonnato a um dos moradores de nome Raimundo Limão, para que continuasse ela a participar de todas as celebrações religiosas que ali fossem realizadas.

Famílias pobres, vindas do interior, principalmente nordestinos naturais do Ceará, a procura de emprego em Manaus, logo ali se estabelecera; seja pela facilidade de construção de casas em terrenos da Diocese, como por ser o local afastado do centro da Cidade.

As mulheres, até o ano de 1919, para ajudar seus maridos, lavavam buchos (visceras de gado, porco, cabrito e carneiro) e os revendiam na Cidade.

Dai o apelido de "bucheiras": termo esse que mais tarde veio a ser usado para denominar (muitas vezes por deboche e menosprezo) indistintamente todos os moradores do simpático bairro de São Raymundo Nonnato.

No Bairro de São Raymundo Nonnato, em fins do ano de 1856, foi logo instalado um Cemitério, ainda segundo uma velha estória contada por antigo morador do bairro. Ficava entre as atuais ruas Virgílio Ramos e 5 de Setembro.

O fechamento desse Cemitério foi efetuado em 1902, com ordem de D. José Lourenço da Costa Aguiar, 1.º bispo do Amazonas, por estar o mesmo entre ruas residenciais. O referido Cemitério permaneceu intocável até os anos 30, e nele podia-se observar, no mármore de algumas sepulturas, os dizeres: fulano de tal, falecido em 1884; sicrano, falecido em 1881, etc.

Como era grande a dificuldade do sepultamento na Cidade, em 1934, a Prefeitura de Manaus, ao tempo do Dr. Alexandre de Carvalho Leal, comprou, da família Walentim Normando (antigos moradores do bairro), uma parte do terreno onde se localiza o atual Cemitério de São Raymundo Nonnato, e a outra parte foi doada pela mesma família Normando.

O novo Cemitério de São Raymundo Nonato foi inaugurado, nessa mesma época (isto é, 1934, ou 1935), pelo Cura Padre Carlos Flühr, nascido em 1940, em Wurtemberg, Alemanha, vindo para o Brasil em 1924, ordenado em 1930, em Manaus, pelo Bispo D. Basílio Olímpio Pereira, O.F.M., e pertencendo a Terceira Ordem de São Francisco.

A população do Bairro de São Raymundo Nonnato, ainda segundo as estórias contadas pelos antigos, sofreu muito com cinco grandes epidemias: nos anos de 1884, 1888 e 1895, ocorreram três epidemias de variola ou bexiga, também conhecida como "pele de lixo"; no ano de 1918, foi a gripe espanhola; e em 1923, mais uma de variola.

Em 1914, o Superintendente da Prefeitura de Manaus, o sr. Dorval Pires Porto, mandou construir um Mercado no bairro, em frente a Rua da Sede; um prédio igual ao do antigo Mercado da Cachoeirinha (há poucos anos criminosamente demolido).

O Mercado, ou Mercadinho do Bairro de São Raymundo Nonnato, pouco tempo funcionou como mercado. Foi fechado em 1916 e ficou sendo usado como residência do professor Francisco Rebelo de Souza, que um ano depois solicitou ao governo estadual que o mesmo local fosse destinado a atividades escolares.

Três escolas (duas diurnas e uma noturna) foram então imediatamente ali instaladas, sendo dirigidas, respectivamente, pelos professores Joaquim Sarmento (pai do General Sizeno Sarmento), Luizinha Nascimento e o próprio professor Francisco Rebelo de Souza. pouco tempo depois as referidas escolas vieram a formar o Grupo Escolar Olavo Bilac; esse prédio foi também (como o da Cachoeirinha) criminosamente demolido, já há alguns anos.

Em 1917, o governo designou para o local um sub-delegado, o sr. Campos Júnior; um auxiliar, o sr. João de Souza; e quatro soldados.

O Bairro de São Raymundo Nonnato tem dois importantes clubes de futebol: o São Raymundo Esporte Clube, fundado em 18 de novembro de 1918, por José e Joaquim Vital da Costa, Belmiro Bernardo da Costa, Manoel Antonio de Souza, Padre Antonio Plácido de Souza, Manoel Bandeira Filho, Wanderley Normando, e Newton Queiroz.

E o Sul América Esporte Clube (o Sulão), fundado no ano de 1932, por Raimundo Verçosa, Francisco Nonato dos Santos (o Chico Branquinho), Dogival de Almeida Sales, Nicanor Costa, Ildebrando Sena, os irmãos Joias, Agostinho e Anibal Correa Lima, André Jobim, Walter (O Muliquim), Porfírio Jacinto, João Carlos Frederico (o Joca), José Normando, Raimundo Morais, Osmar Pedro ~~Bernardino~~ Bernardino, os irmãos José e Luís Pontes, Antonio Honorato e outros.

Emmes,

SÃO RAYMUNDO NONNATO, O SANTO

São Raymundo Nonnato — que dá nome a um dos mais simpáticos bairro da Cidade — veio ao mundo na Espanha, mais precisamente na Catalunha, em 1204,. Vindo a falecer, antes de chegar a Barcelona, no dia 31 de agosto de 1240, a caminho da Santa Sé, em Roma, atendendo ao chamado do Papa Gregório IX, já então proclamado cardeal.

Sua vida, que tinha como bandeira o mandamento maior, ensinado por Jesus Cristo — “Ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei” —, foi toda ela marcada pelos sofrimentos mais atrozes e humilhantes como o de chegar a vender-se aos inimigos da igreja, na África, para que alguns poucos escravos fossem libertados.

Mas deixemos que do Santo melhor se expresse uma autoridade no assunto, o Padre Marcos Neville, em sermão pregado na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, no Rio de Janeiro, há exatamente um século, isto é, dia 31 de agosto de 1884:

— São Raymundo Nonnato cumpriu a risca o preceito fundamental da nossa religião, preceito promulgado pelo nosso Divino Redentor: “Eu dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei, para que vós também mutuamente vos ameis”.

Extraído, mediante operação cesariana, de mãe falecida, o nosso São Raymundo, foi por isso denominado Nonnato.

Gemia grande parte da Espanha sob o jugo dos inimigos da Cruz.

O nosso São Raymundo, comovido pelos sofrimentos dos europeus pelos africanos que os escravizavam — conservando uns na Peninsula Ibérica e outros na África, para saciarem os seus instintos de crueldade e luxuria — de maneira desumana e infernal, professou na Ordem de N. Sra. das Mercês para a redenção dos escravos.

Como é natural, o seu sentimentalismo foi considerado pelos maometanos uma pura fantasia antipatriótica, e até anti-humanitária.

Portanto, quando esgotara o Santo o rio de ouro que a sua Ordem alimentava mediante esmolas, e vendera a si mesmo para emancipar alguns escravos, os maometanos ordenaram que o Santo fosse bem surrado nos cantos das ruas.

E, a fim de impedi-lo de conspirar e pregar doutrina subversivas da sagrada propriedade de carne humana, furaram-se os lábios com ferro em brasa e os fecharam com cadeado, ficando a chave com o governador que só a dava aos guardas, quando lhe parecia conveniente alimentar o preso, que além disso foi sobrecarregado de pesadas barras de ferro e corrente.

Eles, os maometanos, bem queriam empalá-lo, isto é, enfiá-lo em uma lança de pau ou ferro. Não o fizeram para não perder o forte resgate prometido, que chegou no fim de oito meses. Contra a vontade, e só por ordem superior, São Raymundo Nonnato voltou a Espanha, onde recebeu o Chapéu de Cardeal.

O nosso Santo continuou a viver como simples e desprezível frade, escória do mundo, convencido que sua missão era gloriosa, porque como São João Crysóstomo diz: "Posto que gastemos fortunas imensas em esmolas, de modo algum podemos nos equiparar àqueles que contribuem a salvar um só dos nossos semelhantes... porque o homem é mais preciso que o mundo inteiro".

Em obediência ao Papa, partiu São Raymundo Nonnato para a Santa Sé, mas só conseguiu aproximar-se a seis milhas de Barcelonas.

E a 31 de agosto de 1240, com trinta e sete anos de idade, foi emancipado deste mundo, a fim de receber o prêmio eterno, por ter cumprido o preceito: "Ameis uns aos outros, assim como eu vos amei".

Eis, caríssimos irmãos, o modelo que a Igreja hoje nos apresenta para estimular-nos a lutar contra o mundo, que como disse o antigo senador romano Tácitos "O corromper e deixar-se corromper é o que se chama mundo".

São Raymundo Nonnato, segundo diz a Epistola de hoje — 31 de agosto de 1884 — "foi achado sem mancha, e em vez de se deixar ir após o ouro e esperar no dinheiro e nos tesouros", os abandonou; ainda mais, escravizou a si mesmo, em virtude do quinto voto de sua Ordem, para sofrer os mais cruéis tormentos e morte, com intuito de abolir a escravidão e salvar as almas daqueles que foram convertidos em coisas ambulantes, vis instrumentos de trabalho, reduzidos a dois braços e dois olhos"

*O POR QUÊ RAYMUNDO NONNATO
É NOME PRÓPRIO DE BATISMO*

Numa província catalã, na Espanha do início do Século III, morava um casal cujo marido vivia sempre embriagado. Um missionário católico semanalmente visitava a aldeia assistindo seus moradores em suas necessidades materiais e religiosas.

Numa dessas visitas o missionário, ao chegar a casa do casal, depara-se com o cadáver da mulher que estava grávida, já em estado de putrefação, mas ao colocar a mão sobre a barriga do cadáver sentiu que a criança mexia-se no ventre de sua mãe.

O missionário não teve outra alternativa, apanhou uma pequena faca em seu embornal e cortando a barriga da mulher morta retirou-lhe a criança -um menino- que sobrevive. Depois de envolver o recém nascido em algodões leva-o para o convento de sua irmandade, horas distante dali. O menino resiste a tudo, gozando boa saúde.

Diante dos fatos mais que evidentes de proteção divina, os religiosos deram ao menino o nome de Raymundo (Rei do mundo), em homenagem a Deus e Nonnato (Non nato: não nascido).

A notícia logo se espalhou por toda a aldeia da Catalunha, por toda a Espanha e, posteriormente, por todo o mundo.

É por esse motivo que toda a mulher grávida, ao sentir sério perigo afetar, na hora, o seu parto normal, faz apelos a São Raymundo Nonnato.

O pagamento da promessa, após o nascimento do filho, mesmo que a mãe faleça na hora do parto, é a família do recém-nascido abdicar de qualquer nome antes escolhido e batizar a criança, seja menino ou menina, com o nome do santo.

O CLÁ DOS REBELO DE SOUZA

A expressão "prefiro sofrer as dores de um parto a ter que arrancar um dente", com inúmeras variantes, usada por muitas mulheres casadas, não só aqui no nosso estado, mas em todos esses brasís por onde tenho andado, eu a ouvi, pela primeira vez, quando ainda menino.

Vizinho a nossa casa ficava a sede da Sociedade Beneficente de São Raymundo, motivo pelo qual a rua ficou conhecida, até hoje, como Rua da Sede.

No prédio que abrigava aquela sociedade, logo depois de sua extinção, pelos meados dos anos 30, foi morar o professor Francisco Rebelo de Souza (vide referência ao professor Rebelo à pág. 169) com sua mulher, Dona Gertrudes Araujo Rebelo de Souza, que ao todo deu à luz quase vinte filhos.

Minha memória registra muito bem que, sempre às tardinhas, sentadas em cadeiras-de-vime, na calçada da nossa casa, minha mãe e Dona Gertrudes ficavam a conversar e trocar idéias sobre o comportamento e saúde de seus filhos (mamãe, com três, e ela, com seis), além de outros assuntos íntimos.

Sempre atento a todas as conversas de adultos, muitas vezes ouvi Dona Gertrudes dizer para mamãe, no seu belo tom de voz de contralto-dramático:

— Virgília, eu prefiro sentir a dor de ter um filho a sofrer a dor de arrancar um dente. Deus me livre disso!

Na verdade, Dona Gertrudes, àquela época, já havia tido seis partos, dos quais sobreviviam quatro. Daí a admiração com que mamãe sempre a ouvia e, naturalmente, a minha que apesar de menino ainda, com seus oito anos, compreendida muito bem o que estava ouvindo.

Antes de vir a ser nossos vizinhos, o casal possuía quatro filhos vivos, dos seis que haviam nascidos

Isabel, nascida em 1917, que foi professora de ensino-primário e casou com Odonel Alencar, com quem teve sete filhos, hoje falecida; José, nascido em 1918, falecido; João, nascido em 1919, é casado, possui quatro filhos, e reside em Manaus; e Jairo, nascido em 1920, casado, teve dez filhos, e é falecido.

Em 1924, ali nasceu o hoje funcionário público, Raimundo

Nonato Rebelo de Souza, viúvo, com cinco filhos, e residente à Rua Luiz Antony, 457.

Logo depois o professor Francisco Rebelo, com a família, mudou-se para a Cidade, indo residir na Rua Luiz Antony, numa daquelas casas de calçada alta, na altura do antigo Bispado.

Dona Gertrudes e o professor Rebelo, como era mais conhecido, tiveram mais cinco filhos que se criaram:

Maria Rosa (1927), professora de ensino primário, casada com José Mendes de Oliveira, com seis filhos, residindo hoje em Brasília; Jayme Rebelo (1929), advogado, radialista famoso por suas atuações vibrantes e inteligentes como locutor, programador e diretor da Rádio Baré, casado com Maria Thereza de Queiroz, com cinco filhos, já falecido; Jessé D'Assunção (1930), advogado, casado com Nize Gema de Lyra, com quatro filhos, residindo hoje em Santos/SP; Therezinha (1933), falecida; e Antonio Clemente (1934), advogado e inspetor da Polícia Federal, casado com Maria José dos Santos Ferreira, residindo em Manaus.

A PONTE DE SÃO RAYMUNDO

As esperanças de uma ponte ligando o bairro de São Raymundo Nonnato à Cidade têm mais de século...

... as promessas começaram a tomar corpo lá pelos idos de 1917.

Dalí para cá elas se multiplicaram...

... foi um entrar e sair de governantes e o tempo passando, passando!

No início dos anos 30 elas chegaram mais fortes e até grandes alicerces de concreto surgiram.

Mas, o tempo, novamente passou...

... passou e eles ainda ali estão, transformados em tristes ruínas! Ruínas dos sonhos e das esperanças de toda a população do mais tradicional bairro da Cidade.

Neste ano de 1986, as esperanças do bairro e de sua gente se redobram.

O Governador atual, professor Gilberto Mestrinho, empossado em 15 de março de 1983, não só vem prometendo, mas, garantindo a construção, antes de deixar o Governo do Estado, em março de 1987, da tão esperada Ponte de São Raymundo.

Lembro-me que na ocasião de sua posse, fiz publicar, no Jornal do Comércio e em A Crítica, importantes jornais de Manaus, um Apelo ao novo Governador cujo teor era o seguinte:

— Mais um governo se instala em nosso Estado.

Desta vez, volta um governante eleito pelo voto direto, como pelo voto direto já governou o Amazonas antes do movimento revolucionário de 64.

O professor Gilberto Mestrinho vai governar o seu Estado, digo o nosso Amazonas, pela segunda vez com a certeza dos erros e acertos de seu primeiro governo.

O povo do Amazonas está cheio de esperanças!

Em nossa Capital, Manaus, a Cidade-Sorriso, há um bairro esquecido, abandonado pelos poderes públicos: o bairro de São Raymundo Nonnato.

Nele há apenas uma despreparada farmácia, que só funciona pela dedicação de um heróico farmacêutico, o Luís Ramos Gadeau amigo do bairro. Os colégios e o grupo (que já foi padrão pela sua

organização e pelos seus competentes professores, estão totalmente desaparelhados e mal servidos de professores e sem nenhuma condição de higiene. Não há nenhum açougue, nem mercados ou supermercados nos quais as donas-de-casa possam fazer suas compras diárias, sem serem vilmente explorados: cobram sempre quase o dobro do preço que é cobrado na Cidade.

Tudo isso vem infernando a vida dos moradores de São Raymundo, há muitos anos!

Mas o que eu gostaria que o Governador Gilberto Mestrinho desse atenção prioritária, neste seu novo Governo, era ao caso da continuação da construção mais que necessária da Ponte de São Raymundo.

É um apelo, Senhor Governador!

Já há mais de dez anos escrevi no Jornal do Comércio, desta Cidade, um artigo falando da ponte inacabada de São Raymundo.

Hoje esse artigo virou crônica e está incluído em meu livro "Os Bucheiros—Um memorial de infância, recentemente publicado, e, que, mais uma vez vou aqui transcrevê-lo: (seguia-se o texto da crônica até o final).

Na verdade, nesse mês de outubro de 86, lá estão instalados canteiros de obras, exatamente no local entre a antiga Serraria Rodolfo e o correr de casas dos Maximino Corrêa ao fim da rua Alexandre Amorim, rua onde mora o nosso extraordinário pintor Moacyr Andrade, que tão bem sabe captar a beleza e o exotismo da Amazônia e, melhor ainda, o fulgor de suas cores exuberantes.

As obras de fincagem de sustentação dos pilares da ponte, sobre o igarapé de São Raymundo, tanto do lado da Cidade em direção ao porto-das-catraias, como desse local, em direção a Cidade, já tiveram o seu início, em ritmo de 24 horas por dia, desde agosto deste ano de 86.

Ao lado direito de quem sobe o porto-das catraias, pela rua Cinco de Setembro, ficavam quatro casas que já foram desapropriadas e derrubadas para dar lugar as obras.

Numa delas, a primeira, de número 28, moravam a professora Alzira Pinheiro, viúva de Amaro Lima, e Aurora Pinheiro, proprietária da casa, viúva de Lauro Machado, e mãe de Lauro Henrique, casado com Odenir P. Machado, e com três filhos, Henrique, Janaína e Gabriela, e Petrônio Pinheiro Machado, destacados empresários. Numa outra, menor, morava o Xavico (Francisco Galvão), com a mulher e três enteados. As outras duas casas pertenciam ao sr. Alayr Soares, construídas no grande terreno antigamente ocupado pela senhorial residência, do casal Henrique Rodrigues Pinheiro-Maria dos Anjos Pinheiro.

E do lado esquerdo, no início da rua, vão continuar a casa da Geny Guimarães, uma remanescente dos "velhos" Ibiapinas (João

Ibiapina Guimarães casado com Ana Enes Guimarães, cearenses) e parede-e-meia com esta, o armazem de vendas de Fernando Iannuzzi, de 49 anos, filho de italianos, casado com Iza Santos, e tendo três filhos, Fernanda, José Eduardo e Luiz Carlos. Também continuarão todas as demais casas desse lado esquerdo da rua Cinco de Setembro.

O Grupo Escolar Olavo Bilac, não será sacrificado com a ponte. Apenas a entrada do mesmo deixará de ser pelo lado esquerdo do prédio, passando a mesma para o lado direito.

Na parte da Cidade (fim da rua Alexandre Amorim com a Doutor Aprígio) foram também desapropriadas e demolidas, para permitir o remanejamento de uma das torres de alta-tensão que leva energia para o bairro, duas casas que não faziam parte de um correr de 8 casas mandadas construir, quando da inauguração da Fábrica de Cerveja XPTO, pelo "velho" Maximino de Miranda Corrêa, para residência de diretores e altos funcionários da fábrica.

A tão esperada e desejada ponte, projetada pela Seebla, sob a supervisão da Setran, está sendo construída pela Andrade Gutierrez S/A, dentro do projeto Manaus-Moderna do Governo do Estado.

Segundo estimativas otimistas dos engenheiros da Secretaria de Obras e Transportes (Setran), que tem como titular o engenheiro Waldyr Pimenta, a ponte, que deixará mais próximo o bairro de São Raymundo do centro da Cidade, pela parte de Aparecida, vai estar concluída em meados de 1987.

As características da ponte São Raymundo-Aparecida, de acordo com a Seebla, são as seguintes:

256 metros de comprimento.

11 metros de largura.

2 metros de passagem-para-pedestre, pelo lado direito de quem vai para o bairro.

18 metros de altura total (equivalente a altura de um prédio de três andares), partindo do leito (função) do igarapé; sendo que o seu vão central ficará com oito (8) metros acima do nível alcançado pela última maior enchente ocorrida em 1953.

As obras consumirão:

242 toneladas de aço, e

4 mil toneladas de concreto.

A MORTE DE UMA CASA — I

Não é bem uma crônica de uma casa assassinada, como a que o meu amigo Lúcio Cardoso magistralmente transformou num dos mais fortes e extraordinários romances da literatura brasileira, e sim um breve registro este que aqui vai, sobre a primeira casa que ficava ao lado direito do porto-das-catraias, ou seja, a primeira casa da rua Cinco de Setembro, cujo número era 28, e que acaba de ser desapropriada pelo governo e derrubada para dar lugar ao prosseguimento das obras de construção da Ponte de São Raymundo.

Era uma casa comum, de tijolos, com ampla sala de visitas, três quartos, sala de jantar, cozinha e banheiro.

A casa, de esquina com a rua Beira Mar — no máximo, essa rua que fica na margem esquerda de um igarapé, pequeno afluente do Rio Negro, deveria ser chamada Beira Rio —, fôra antigamente propriedade de Henrique Rodrigues Pinheiro, cearense, negociador de peixes e tartarugas, casado, de primeira núpcia, com Isabel R. Pinheiro, com a qual teve dois filhos, Maria Thereza (Sinhá), nascida em 1888, e Arthur.

Em seguida ao casamento de sua filha Sinhá, com João Henrique Freire, esta fixou residência naquela casa, onde o casal teve cinco filhos, Theophanes, Raimunda, Leonila, Astrogilda (Caíca), e Carmen, até 1930.

Logo após o falecimento de sua primeira mulher, em 1895, o "seu" Henrique R. Pinheiro casou com Maria Dos Anjos Pinheiro (ela era Pinna, de nascimento), portuguesa da Serra da Estrela; instalou bem junto aquela casa, sua nova moradia, num grande terreno dar... frente para o igarapé, onde nasceram seus sete filhos, dois, do sexo masculino, que morreram logo depois de nascidos, e mais a Alzira, Aurora, Adayr, Aglayr e Anadyr

Em 1936, lá foi morar a Aglayr, depois de seu casamento, naquele mesmo ano, com o Sargento da Marinha, Franklin Theodoro Alves, baiano, até meados de 1937, quando transferiram-se para o Rio de Janeiro, onde ainda vivem, hoje, em companhia de seu filho único, o advogado Henrique Pinheiro Alves, Delegado-Titular-de-Polícia da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, casado com a professora Adyr P. Alves, e seus dois netos, Francisco José e Marcus, universitários.

A Aurora Pinheiro mudou-se, do local que ainda hoje é a sede do Sul América, para aquela casa, em 1954, sete anos após a morte, em 1947, de seu marido, Lauro Machado, permanecendo ali até janeiro de 1986 — quando mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde foi residir, na av. Atlântica, com sua filha Dorotéia (Dora), casada com Elomar Costa Lima, e seus dois netos, Cláudia e Marcelo, universitários — decorrido um mês do falecimento de sua irmã Alzira Pinheiro, em 24.12.1985, e seis meses antes do início da construção da ponte por que tanto elas, as Pinheiros, e todos os moradores de São Raymundo, nunca se cansaram de esperar.

A ENTREVISTA

AUREO NONATO

Um amazonense

que, seja como jornalista, poeta ou compositor, proclama em toda a sua obra um amor inigualável pela terra em que nasceu. Aureo Nonato veio a Manaus para uma missão muito especial convocado pelos amigos, deixou o Rio de Janeiro por alguns dias para comemorar aqui os seus sessenta anos de vida, que se completaram no dia 1º do corrente.

Radicado no Rio desde moço, Aureo Nonato tornou-se um nome identificado em todos os círculos intelectuais dali, pelas suas intensas atividades durante os últimos quarenta anos. Autor do já célebre poema-canção "Tarumã" e da canção "Manaus" (o hino oficial da capital amazonense), entre outros trabalhos, foi ele, ainda, o idealizador, em fins de 1963, do "Primeiro Forum Sobre a Amazônia", do qual nasceriam as bases de uma grande arrancada em favor da região, como a "Operação Amazônia".

Todos eses títulos levaram seus amigos de Manaus - de onde nunca se afastou, pois vem frequentemente à sua cidade - a chamá-lo para a grande comemoração que houve em sua homenagem. Amanhã, levando saudades dos amigos e da terra natal, ele parte de volta ao Rio. Antes, porém, o JC foi ouvi-lo na sua casa no bairro de São Raimundo.

P - Muito se fala, Aureo Nonato, do seu amazonismo. O que você considera que já fez de mais importante, lá fora, pelo Amazonas?

R - Foi o "Primeiro Forum Sobre a Amazônia" que fiz realizar - e disso muito me orgulho - no Rio de Janeiro, em fins de 1963, sob o patrocínio da Fundação Casa do Estudante do Brasil, e que se constituiu no primeiro grande comício nacional em prol da Amazônia, de seus problemas múltiplos, tendo o prof. Arthur Cezar Ferreira Reis, a meu convite, como principal orientador dos trabalhos. Nesse "Primeiro Forum" reunimos governadores e estudiosos da região amazônica, em memoráveis conferências seguidas de amplos e acalorados debates.

Ali, verdadeiramente, esboçou-se o esquema da grande "Operação Amazônia" que o Governo Federal, àquela época sob o comando do Marechal Castelo Branco, deu corpo e movimento.

Quando, naquela ocasião, tivemos a oportunidade de realizar não obstante toda uma barreira de má vontade e de impecilhos de ordem financeira -, o referido Forum, sonho que há muito acalentava, tinha a certeza de que o que inicialmente faltava à Amazônia era um movimento nacional de conscientização de sua importância para toda a Nação e dos inumeráveis problemas que ainda hoje entravam o seu desenvolvimento, tão bem definidos pelo grande amazonólogo e historiador Arthur Cezar Ferreira Reis, em seu livro-denúncia "A Amazônia e a Cobiça Internacional".

Por isso muito lutei para a realização daquele importantíssimo certame, que a seu término apresentou conclusões e sugestões para o lançamento da já citada "Operação Amazônia". E basta confrontar aquelas conclusões e sugestões, amplamente divulgadas à época, com as bases daquela destemida arrancada em favor da região para se verificar quão proveitosa foi a realização daquele "Primeiro Forum Sobre a Amazônia". Depois, em maio de 1968, foi realizado o "Segundo Forum", também promovido pela Fundação Casa do Estudante do Brasil, e sob os auspícios do Ministério do Interior.

Com eles, principalmente com o "Primeiro Forum", movimentamos articulistas, redatores e repórteres nossos grandes jornais, revistas, televisões, em todo o País, todos eles conscientes de que a Amazônia é Brasil e precisa da compreensão, da ajuda e do patriotis-

mo de todos os brasileiros. É através dessas vozes e desses veículos que a Nação vai se alertando e tomando consciência real de que a posse efetiva da Amazônia, antes de ser um belo gesto de patriotismo, é uma necessidade obrigatória e vital para um Brasil que nasceu grande, há quase cinco séculos, mas que ainda hoje é tão pequenino pela incompreensão e impatriotismo de alguns.

Um detalhe importante: para a inauguração do "Primeiro Fórum Sobre a Amazônia" fiz questão de vir especialmente a Manaus, em nome da Diretoria da Fundação Casa do Estudante do Brasil, convidar o Governo do Amazonas, à época sob a chefia do Doutor Plínio Coelho, para fazer a abertura oficial do conclave.

P - Quando Nelson Rodrigues escreveu, numa de suas inúmeras crônicas, onde ele sempre o citava, como sendo o "único amazonense" que ele conhecia na vida real, qual foi a sua reação?

R - De pânico! Imagine que com isso, depois, tive toda a colônia amazonense radicada no Rio me odiando. E eu o sabia, logo que li a crônica! O Nelson escreveu, em 1968, em *O Globo*, exatamente o seguinte: - "— De vez em quando, dobro uma esquina e esbarro no *Áureo Nonato*. E não importa a minha pressa: paro. Trata-se do único amazonense que conheço na vida real *O único*. E disse mais: "Nos meus 55 anos de vida só encontrei, na vida real, um brasileiro que falasse do Amazonas: o *Áureo Nonato*. Sempre que me encontrava, vinha ele com a sua fixação estadual. Eu, então dizia-lhe "*Áureo Nonato*, você é o único patriota amazonense". Sim era o único, rigorosamente o único. Ninguém mais tocava nessa imensa e desventurada sibéria florestal". E o Nelson não estava dizendo nenhum absurdo, como toda a colônia a "una voce" protestou. Meses depois o Nelson me disse: "Veja você, súbito começou uma romaria de amazonenses na minha porta dizendo: "há outros amazonenses, além do *Áureo Nonato*".

Acontece que, àquela época, os amazonenses que moravam no Rio (de preferência em Copacabana), escondiam como que envergonhados a sua procedência, alguns até se diziam "paulistas".

Eu, como sempre, e até hoje, me orgulhei de dizer que era amazonense a todos aqueles que me perguntavam de onde eu era, por isso muitas vezes fui criticado por alguns conterrâneos.

De repente um cronista de peso, como o Nelson Rodrigues, se ocupou, em suas "Confissões", de falar sobre o Amazonas e me citou daquela forma, não me perdoaram. Todos queriam aparecer. Dai em diante foi aquele horror, eram telefonemas insultuosos e grosseiros todos os dias.

Mas, o que realmente me comoveu, de tudo o que Nelson Rodrigues escreveu a meu respeito, foi este trecho de suas "Confissões" - Cap. CXXXII: "Quando vi o *Áureo Nonato*, fui de uma larga e

cálida efusão. O Áureo Nonato é suscetível de desaparecimentos totais. Some como se jamais tivesse existido. E, um belo dia, reaparece, brota a nossa vista, como uma rosa de asfalto". Isto eu acho lindo! Me comove até às lágrimas.

P - Áureo Nonato, em 1966, você, como compositor, sofreu um grande drama. Que drama foi esse?

R - O meu saudoso amigo Henrique Pongetti, uma das mais lúcidas inteligências que este País já teve, numa crônica publicada em "O Globo", naquele ano, toda ela dedicada a mim e às minhas composições, comentou entre outras coisas que eu vivia um drama por não ter conseguido gravar nenhuma de minhas - dizia ele, que bem as conhecia - "bonitas e sentidas melodias".

Na verdade, o drama não era e nem é meu e sim de toda uma multidão de compositores - Manaus está repleta deles -, iguais e bem melhores que eu, espalhados por esse imenso Brasil.

De minha parte, tudo fiz, faço e farei para divulgá-las - não me importando de parecer chato - através da televisão, em salas de concertos, em clubes, em praça pública, e até em gafieiras, pois entre as minhas composições, além de "Tarumã", um poema-canção para solista e coro, e "Manaus", uma canção coral, figuram baladas, samba-canções e batucadas.

Contudo, o drama a que se referiu o meu inesquecível amigo e saudoso mestre Henrique Pongetti, ainda continua: não gravei ainda nenhuma delas, pois não tenho dinheiro para pagar o custeio de suas gravações; e as gravadoras, por certo, conseguem compositores de mais sorte que eu.

(Transcrito no JORNAL DO COMERCIO — 26 — abril — 81 —

MANAUS — AMAZONAS) m

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

- *Nascido no dia 1.º de abril de 1921, em Manaus, Amazonas.*
- *Filho de Antônio e Virgília Nonato dos Santos.*
- *Fêz seus estudos primários no Grupo Escolar Olavo Bilac, no bairro de São Raimundo, onde nasceu.*
- *Em 1934, cursou o primeiro ano ginásial no Colégio Bom Bosco, em Manaus.*
- *Em 1940, aluno da Academia de Comércio Cândido Mendes, no Rio de Janeiro.*
- *Em 1941, recolheu-se ao Convento dos Padres Franciscanos, em Petrópolis, no Estado do Rio.*
- *Em 1942, se transfere para o Seminário dos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora, em Manhumirim, Minas Gerais, onde permanece por três anos.*
- *Em 1945, em São Paulo, inicia-se no jornalismo, como noticiarista, no jornal "A Noite", sob a direção de Menotti Del Picchia;*
 - * *publica o seu primeiro poema: "O Jardim Abandonado";*
 - * *organizou e promoveu um "Curso de Férias de Teatro", realizado na Biblioteca Municipal de São Paulo, em combinação com o escritor Sérgio Milliet, diretor daquela biblioteca, e a participação de Joracy Camargo, Miroel Silveira, Bibi Ferreira, Abdias Nascimento, Cacilda Becker e outros grandes nomes do teatro brasileiro.*
 - * *neste mesmo ano, trabalhava como revisor da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e dos jornais "A Fôlha de São Paulo" e "Estado de São Paulo", onde publicava também notícias e reportagens.*
- *Em 1946, voltando para o Rio de Janeiro, passa a exercer o cargo de Secretário-Geral do Teatro do Estudante do Brasil, fundado e dirigido por Paschoal Carlos Magno, e as funções de Assessor da Presidência da Fundação Casa do Estudante do Brasil, presidida pela escritora e poetisa Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça.*
deste ano em diante, segue-se um período de grande atividade, em vários setores
 - * *Diretor de Publicidade da Companhia Dramática Nacional, do Ministério da Educação e Cultura;*

- * Secretário da Companhia Dulcina-Odilon;
 - * Secretário da Companhia Bibi Ferreira;
 - * Secretário da Companhia Nicette Bruno-Paulo Goulart;
 - * Delegado da Casa do Estudante do Brasil ao 1.º Congresso Nacional das Organizações Não-Governamentais do Brasil;
 - * Delegado da Casa do Estudante do Brasil ao III Congresso Nacional de Teatro, realizado na sede da ABI, no Rio de Janeiro, no qual participou de duas Comissões e autor de duas teses, aprovadas em plenário, sobre teatro amador e direitos autorais;
 - * Delegado da Casa do Estudante do Brasil ao IV Congresso Nacional de Teatro, realizado em São Paulo, participando de duas Comissões;
 - * Redator Teatral do jornal "Diário Trabalhista";
 - * Redator Teatral da revista "Vida";
- Em 1951, Redator e colunista do jornal "Última Hora", em 1951, tendo feito parte de sua equipe fundadora, assinando a coluna "Conversa da Madrugada", a partir do seu segundo número;
- * Publicou reportagens, artigos e poemas nos seguintes jornais do Rio de Janeiro A Manhã, Tribuna da Imprensa, Diário Carioca, Fôlha Carioca, Correio da Manhã, Diário de Notícias; e nas revistas: O Mundo Ilustrado e Revista da Semana.
- Em 1953, é nomeado funcionário público (assumiu no dia ^{1.º} de abril) do Distrito Federal, onde exerceu os seguintes cargos:
- * Auxiliar-Estatístico, no Dep. Geografia e Estatística;
 - * Auxiliar de Gabinete da Secretaria Geral do Interior e Segurança;
 - * Assessor do Gabinete do Diretor do Dep. de História e Documentação, da Secretaria de Educação e Cultura, dirigido pelo escritor Thiago de Mello;
 - * Assessor do Gabinete do Diretor do Dep. de História e Documentação, da Secretaria de Educação e Cultura, dirigido pelo jornalista e acadêmico Raymundo Magalhães Jr.:
- Em 1960, em Manaus, promoveu e realizou o 1.º Salão de Arte Moderna, em combinação com a imprensa e rádio amazonense, e a participação do crítico e professor da Universidade do Brasil, doutor Mário Barata, 1. Secretário do Comitê Internacional de Artes Plásticas, da UNESCO, com sede em Paris;
- Em 1961, Assessor de Imprensa do Dep. de História e Documentação, da Secretaria de Educação e Cultura, do Estado da Guanabara, sob a direção do prof. Arthur C. Ferreira Reis;

- Em 1962, Assessor da Coordenação Cultural da Secretaria de Educação e Cultura, do Estado da Guanabara, sob a direção do crítico Simeão Leal;
- Em 1963, idealizou e esteve encarregado da Coordenação Geral do I Forum Sôbre a Amazônia, promovido pela Fundação Casa do Estudante do Brasil, sob a direção do prof. Arthur Cezar Ferreira Reis;
 - * neste mesmo ano, exerceu o cargo de redator da *Rádío Roquette Pinto*, da Sec. Educ. e Cultura da Guanabara;
- Em 1964, passa a exercer o cargo de Secretário-Geral da Fundação Casa do Estudante do Brasil;
 - * sua canção *Manaus* é aprovada pela Comissão Artística do Serviço de Educação Musical e Artística da Sec. Educ. e Cultura da Guanabara, e incluída oficialmente no repertório escolar do Estado;
 - * membro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais;
 - * membro da Ordem dos Músicos do Brasil;
 - * integrante do Primeiro Encontro de Jovens Compositores, promovido pelo Conselho Federal de Cultura, em Vitória, Espírito Santo;
- Em 1966, seu poema-canção *Tarumã*, para solista e grande coral, é incluído num catálogo internacional de música sôbre folclore, pela PanAmerican Union, órgão cultural da O.E.A., com sede em Washington; e publicada, em São Paulo, pela "Edições Arquimédes";
 - * exerce as funções de Auxiliar da Biblioteca do Instituto de Pesquisas Educacionais, da Sec. Educ. e Cultura da Guanabara;
- Em 1968, Assessor da Imprensa e da Coordenação Geral do V Festival Nacional de Teatro de Estudantes, no Rio de Janeiro;
 - * coordena o II Forum Sôbre a Amazônia, promovido pela Fundação Casa do Estudante do Brasil, em combinação com o Ministério do Interior, sob a direção do prof. Arthur Cezar Ferreira Reis;
- em 1968, encarrega-se da Divulgação do Depto. de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara;
- Em 1969, encarrega-se da Divulgação do Teatro Municipal do Rio de Janeiro;
- Em 1970, assume e organiza a Chefia da Assessoria de Imprensa da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara (Secretário Antonio Vieira de Mello) (Governo Negrão de Lima).
- Em 1971, é confirmado na Chefia da Assessoria de Imprensa da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara (Secretário Fernando Barata — Gov. Negrão de Lima)

- Em 1972, com o desmembramento da Secretaria de Educação e Cultura da Guanabara, é mantido na mesma função pelo Secretário de Educação da Guanabara (Secretário Celso Kelly — Gov. Chagas Freitas).
- Em 1975, é removido para o Depto. de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.
 - * Em novembro, é designado para o Inst. Estadual de Comunicação do Depto. de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, no Quadro de Redatores da Rádio Roquette Pinto — emissora oficial do Estado.
- Em 1978, designado p/Rádio Roquette Pinto, onde exerce as funções de redator.
- Em 1982, ganha o premio Osvaldo Orico concedido pela Academia Brasileira de Letras com os originais de Os Bucheiros — Um memorial de infância.
- Em 1983, seu livro Os Bucheiros — Um memorial de infância é publicado em Manaus, pelo Gov. do Estado do Amazonas.
 - * “Os Bucheiros” é solicitado pela Librari of Congresso Office — Washington — DC — USA.
 - * A Câmara Municipal de Manaus, presta-lhe homenagem em plenário.
 - * A UBE/AM promove tarde de autógrafa de Os Bucheiros, no salão nobre da Câmara dos Deputados em Brasília.
 - * A ASS. BRAS. de Imprensa promoveu em sua sede no Rio de Janeiro, tarde de autógrafos de Os Bucheiros — um memorial de infância.
- Em 1985, passa a exercer (junho) as funções de Técnico de Comunicação Social, lotado na Secretaria de Estado de Governo do Estado do Rio de Janeiro — Palácio Guanabara.
- Em 1986, O Governo do Estado do Amazonas faz editar (outubro) a 2.^a edição de seu livro Os Bucheiros e a partitura de seu poema-canção Tarumã.



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 · 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

